

PEDRO NOLASCO MACIEL



# A FILHA DO BARÃO



HISTÓRIA  
DE ALAGOAS

PEDRO NOLASCO MACIEL

A FILHA DO BARÃO

MACEIÓ - ALAGOAS

1886



MACEIÓ - ALAGOAS

FEVEREIRO 2024

## SUMÁRIO

A QUEM LER.....	04
PERSEGUIÇÃO - PRIMEIRA PARTE .....	06
PRIMEIRO ENCONTRO.....	07
EPISÓDIO DE UM BAILE.....	13
PLANOS SINISTROS .....	21
UMA MORTE INESPERADA .....	27
PERTURBA-SE A PAZ D'UMA FAMÍLIA.....	30
A CASA DO BARÃO NA NOITE TEMPESTUOSA ..	40
TENTATIVA MALGRADA .....	45
REVELAÇÃO IMPORTANTE.....	52
RESSURREIÇÃO .....	56
COMPLICA-SE A SITUAÇÃO .....	61
UM ENGANO FATAL.....	66
CENAS DE ESCRAVIDÃO.....	71
CASAMENTO E MORTALHA - SEGUNDA PARTE ..	75
CONTRASTE.....	76
D. THEODOMIRA .....	82
DOIS CASOS FATAIS.....	85
INDISCRICÃO DE UM PAPEL VELHO.....	91
PRÊMIO DA VIRTUDE.....	95

## A QUEM LER

Atirando o presente livrinho aos ventos da publicidade — o faço menos por vaidade do que por gosto de concorrer, também, no que estiver ao meu alcance, para a vulgarização de algumas tradições alagoanas senão de todo esquecidas ao menos pouco vulgares.

O que aí vai narrado não é simples fantasia, como a muitos pode parecer; é uma verdade inconcussa, à qual juntei, como alegria, ou enfeite, o que de romântico ocorreu-me à ideia, e julguei conveniente, para dar algum realce à narração por si só enfadonha e menos agradável.

Entretanto, a FILHA DO BARÃO não é mais do que a compilação, por assim dizer, de fragmentos publicados por mim, nos jornais desta capital, de 1882 até 1884, pelo que vai inçada de opiniões que hoje repugno.

Nenhum valor ou mérito pode ter a obrinha que levo ao tribunal da opinião, mas representa ao menos o esforço e a dedicação de quem, dispondo de pouco tempo para receber educação literária, folga de exhibir um atestado de seu amor às letras e ao trabalho.

Não é fácil, de certo, a tarefa a que se impõe quem vai colher entre velhos, informações que a memória rebelde de uns e a indiferença de outros tornam confusas.

Filho do povo — escravo para o povo.

Escusado, portanto, será o desprezo que me votar possam os literatos fidalgos de minha terra, os inimigos da literatura barata.

À crítica desapaixonada e conscienciosa lembro, em meu favor, uma atenuante: não exija do pobre artista a perfeição a que só podem chegar os privilegiados do talento e da fortuna.

Fevereiro — 1886

Pedro Nolasco.

# A FILHA DO BARÃO

## PRIMEIRA PARTE

### PERSEGUIÇÃO

# I

## PRIMEIRO ENCONTRO

*Realidade ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da atividade interior; é a causa, o fim e o princípio de todos os afetos humanos.*

*A. Herculano — Eurico*

A narrativa dos acontecimentos que tiveram lugar no território desta província, desde o tempo em que era ela simples capitania, desmembrada da de Pernambuco, até hoje, é assaz conhecida para que venhamos aqui repeti-la.

Em 1839 a vila de Maceió foi elevada à cidade e capital, e cinco anos depois, em 1844, rebentou a revolução que por algum tempo assaltou a província e é denominada — guerra dos lisos e cabeludos.

Foi justamente um ano depois da guerra citada e quando já havia arrefecido de ambos os lados contendores o entusiasmo político e a sede de sangue, que tiveram começo as cenas de que nos vamos ocupar.

Maceió, não obstante o impulso que tomara com a sua elevação à capital da província, era de um acanhamento tal que a maior parte de suas ruas se compunha de pequenas casas de que hoje ainda existem bons espécimens. Entretanto nessa época, em que a nossa civilização era quase uma utopia e em que o pobre povo — a vítima eterna, o bode emissário de todos os tempos — vivia sob o peso de constantes perseguições, havia muito patriotismo. Honra-nos

sobremodo registrar atualmente o civismo e abnegação heroica de nossos antepassados concidadãos.

As notícias de quaisquer fatos referentes ao progresso da província ou do país, eram recebidas ao estrugir de foguetes e salvas; promoviam-se festas, passeatas, e o entusiasmo popular expandia-se por meio das mais estrepitosas manifestações.

Todos os habitantes iluminavam a fachada das respectivas casas; os batalhões patrióticos percorriam as ruas aos gritos de — viva o Brasil! que ressoavam estridentes.

A iluminação era um panorama espetaculoso na genuína expressão desta palavra, porque em vez dos lampiões e outros meios facultados hoje pelo intruso progresso, na frase de um historiador pátrio, a pobreza servia-se da casca do fruto do jenipapeiro ainda não sazonado como depósito do azeite de coco ou de mamona e fazia de tal modo enfeitar as suas pequenas choupanas que lhes dava um tom original. Ruas inteiras, assim iluminadas, tomavam aspecto singular.

O tempo, porém, acabou todas essas poéticas tradições, inovou tudo. Em compensação, deu-nos esse adiantamento progressivo que fez de meia dúzia de casas construídas sem arte e sem gosto — uma bela e florescente cidade, disposta sempre a crescer e a tornar-se cada vez mais digna aos olhos do mundo civilizado.

\*\*\*

Corria o mês de setembro.

A aurora do dia 7 raiara no horizonte risonha e alvissareira com toda a esplendorosa magnificência das belas manhãs do estio. A cidade amanhecera coberta de galas, pois era o dia do aniversário da independência do império e havia cortejo, no palácio da presidência, à efígie de Sua Majestade o Imperador.

Era costume então as famílias opulentas dos lugares próximos virem nesse dia à capital apreciar as pomposas festas promovidas

pelo povo e, em grande parte, pelos militares. Ninguém ignora que somente depois da reforma da guarda nacional o país deixou de ser uma praça d'armas; a antiga lei do recrutamento militarizava todas as classes sociais, e, em consequência disso, qualquer mandão exercia vinganças mesquinhas, perseguindo os cidadãos pacíficos com ordens reiteradas de serviços atropelados, destacamentos e exercícios, cujo fim era somente dar-lhes um martírio, por isso que todos eram soldados.

Nesse dia, pois, além da tropa de primeira linha que fazia a guarnição da cidade, constara com antecedência o comparecimento de mais alguma de segunda linha, vinda das comarcas próximas, a fim de fazer guarda de honra ao cortejo.

Logo pela manhã principiaram a fluir à cidade as populações circunvizinhas e o trânsito nas ruas tornou-se numeroso.

À hora aprazada foram chegando uns após outros, à praça de palácio, os batalhões patrióticos e os de primeira e segunda linha. Estes, depois de fazerem as manobras de etiqueta, sarilhavam as armas e debandavam.

Pelos arredores da praça, formosos cavalos de pelo luzido sacudiam impacientes as clinas, esperando que lhes saltassem no dorso os obesos coronéis da roça, cobertos de galões, cheios de egoísmo e de fofa orgulho.

Era grande a concorrência, e se houvesse, como na culta França, o costume de alugar janelas, quem desejasse apreciar comodamente o festim pagaria bem caras as das casas da praça — tal era a quantidade de cabeças agrupadas nas gelosias.

O último batalhão a comparecer fora um de primeira linha, o qual se fez anunciar pelo som belicoso dos clarins e veio postar-se ao longo da casaria, cerrando fileiras, depois do que dispersou também.

Havia entre os seus oficiais um alferes de cor morena, olhos cas-

tanhos e um formosíssimo bigode preto. A fisionomia discreta deste jovem militar dava-lhe uns ares aristocráticos que faziam inveja a mais de um fidalgo balofo.

Este mancebo destacou-se de seus companheiros e, voltando um grupo de basbaques que estacionava diante de um cabriolé pertencente a certo fidalgo da terra e ali parado na ocasião, foi dar a sua prosa com amigos que avistara além.

No correr dessa palestra alegre, como todas as conversações de rapazes que se juntam, o moço oficial, que d'ora em diante chamaremos Aníbal, deparara numa das janelas próximas um rosto de mulher, cujos olhos, ao se encontrarem com os seus, produziram-lhe como que um choque elétrico.

Aníbal estava no inteiro vigor da mocidade, nessa idade em que de ordinário afagamos constantemente doces ilusões; mas, devemos dizê-lo, para honra sua, nunca se deixara levar pelos impulsos de paixões desregradas, que levam o homem às tristes vicissitudes de uma desmoralização precoce. Aquele peito, em que batia um coração nobre, de sentimentos generosos, estava virgem como um sonho de serafim. Era uma rara exceção entre os moços de sua época, como entre os de hoje, pois ainda se não tinha envelhecido no culto de amores perigosos e na conquista da primeira mulher bonita que lhe mostrasse uns dentes alvos ao entreabrir dos lábios num sorriso sedutor.

Modesto em suas pretensões, zelava muito o brilho da própria reputação, evitando que em torno de seu nome aureolado pelo bom conceito que de si faziam gregos e troianos, circulassem outras arguições que não as derivadas da nobreza de seus bons intuitos.

Os olhares daquela mulher, adubados por um inenarrável conjunto de belezas físicas que a distinguiam, inspiraram a Aníbal, que até então parecera sempre possuir um coração de mármore, indiferente aos afetos do sexo amável, um amor tão puro como as gotas

de orvalho caídas nas pétalas de uma rosa aberta sob o influxo das fagueiras brisas matutinas.

A moça compreendera o franco pronunciamento da intensa paixão, subiu-lhe o rubor às faces, mas ela cedeu aos doces eflúvios d'um sentimento estranho para si até aquele momento.

Durou pouco essa troca de olhares furtivos e eloquentes, porque Aníbal teve de cumprir seus deveres de militar brioso. E não precisaria olhos muito investigadores para descobrir na moça, depois que ele se retirou, certo indiferentismo às festas e preocupação de pensamentos mais ou menos graves que lhe vagabundeavam no cérebro. Por vezes esforçou-se ela por tirar de seu ânimo a impressão causada pelo olhar fascinante do mancebo; mas, de repente, assaltava-lhe um pensamento sublime, e nesse embate de ideias em que se sentia feliz com o amor inspirado por aquele homem, elevou-se rápida à altura dos anjos, viveu alguns momentos no azul do espaço, respirou o perfume das amplidões, e ao despertar desse dourado sonho de acordada, viu o batalhão executar a última manobra e marchar em retirada. Quando o eleito de seu coração desapareceu entre a multidão compacta, a moça abafou no peito este grito d'alma:

— Amo-o!

A mulher de quem Aníbal tão depressa se enamorara e que por igual ficara dele amorosamente apaixonada, era digna desse amor.

Para não ir muito longe, basta citarmos o fato de ter ela desprezado sempre os risos de muitos fidalgos ricos como ela também o era, e de alta posição social, para deixar-se fascinar pelos olhares d'um simples oficial de infantaria.

Digam o que quiserem os pessimistas, chamem a isto fantasia os homens do ouro — o amor sincero e verdadeiro não se impõe com heranças e legados, não se troca pelo brilho das moedas.

Alcina — seja este seu nome dedicou desde esse momento o seu

coração a um homem para ela inteiramente desconhecido, e ele, em iguais circunstâncias, dedicara a ela o seu amor.

O astucioso deus Cupido apanhara-os de surpresa nas malhas de sua rede.

## II

# EPISÓDIO DE UM BAILE

*E natural que o seu pudor não se agoniasse até ao desespero com o ultraje das aleivosias públicas: a mulher que ama, virginal e puramente que seja, perdoa, embora não diga, a calúnia que tira consequências falsas de um princípio verdadeiro.*

*C. Castello-Branco. — A Doida do Candal*

**E**m 1845 eram muito raras em Maceió as reuniões dançantes, e a não ser a fidalguia ninguém mais dançava quadrilhas e polcas.

Na noite do dia já por nós citado um dos amigos íntimos do pai de Alcina reunira em sua casa a elite da sociedade maceioense. O pai de Alcina era o sr. Barão de Piragé, e o amigo seu a que nos referimos, o sr. dr. Benício, advogado chicanista, homem vendável, leviano, capaz de todas as coragens, e de quem aliás muito dependia o barão que, na qualidade de chefe político, sem habilitações para o cargo, recorria quotidianamente ao doutor — seu lugar tenente.

O sr. Bento de Souza Araújo, barão com grandeza, comendador da real ordem portuguesa de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, tinha apenas um mérito: possuir um bom par de contos de réis que lhe davam honrarias e nobreza. Estúpido em regra, de índole perversa, não passava de um ambicioso vulgar, e contava os anos de vida política pelas vítimas de seus maus instintos e rancor. Quando tratava de vingar ódios e paixões, quase sempre mal enten-

didados, nunca lhe fora empecilho o direito que assistisse às pessoas sobre que iam pesar os efeitos de suas iniquidades. Calcava tudo aos pés, depois, contemplando o resultado funesto de seus crimes nefandos, tinha uma gargalhada satânica para escarnecer dos aflitos.

A formosa Alcina, porém, era a antítese do pai. Embora criada sem os carinhos maternos, teve os desvelos d'uma mulata escrava de nome Lucrecia até aos seis anos, idade em que o pai a fizera seguir para a Bahia, onde se educou num colégio.

Quando regressou tinha quatorze anos e podia jactar-se com orgulho de possuir os requisitos indispensáveis numa jovem que devia figurar na alta sociedade maceioense, onde ia penetrar galhardamente pela porta larga que se escancarava para dar passagem à opulência de moças vaidosas.

Entretanto, Alcina fingiu não ver o modo gracioso porque lhe acenava a cortesia social. Encontrou ainda os carinhos da boa serva Lucrecia, porém sentiu profundamente a imensa falta do ente que lhe podia ser mais caro na vida.

O barão mostrou-lhe o retrato da falecida esposa, e Alcina tomou a seu cargo a guarda da preciosíssima tela que representava a imagem veneranda de sua inditosa mãe. Passava horas inteiras contemplando o rosto daquela mulher, cujo inanimado perfil parecia falar-lhe ao coração; derramava lágrimas de dor, e procurava desfazer as agruras de tão acerbo pranto na prática da mais bela virtude — a caridade.

Fora assim que às escadas do barão, outrora de aspecto sinistro para os desvalidos e necessitados, subiam diariamente inúmeras criaturas infelizes, que iam pedir o auxílio daquele anjo tutelar da pobreza, como lenitivo às suas dores; e, graças à intervenção benéfica da jovem filha desse terrível algoz, muitos fatos que noutros tempos seriam punidos barbaramente, eram votados ao esquecimento.

Mas... como íamos dizendo. O doutor Benício dava nesse dia um

baile. Já vê o leitor que o barão seria um dos primeiros convivas e Alcina, não obstante a sua aversão completa aos bailes, era também uma figura obrigada no de que tratamos.

O doutor contava por igual em o número de seus convidados, o sr. Aníbal de Alencastre. Alcina ia, pois, sem o saber, encontrar-se com o ídolo de suas adorações. O acaso principiava a fazer das suas.

Às 9 horas da noite principiou o movimento.

A praça em que demorava o edifício de residência do doutor, estava repleta de povo.

As janelas, escancaradas, deixavam sair o reverbero das luzes emanadas dos lustres e de enormes arandelas de cristal.

Transponhamos os umbrais da casa do doutor Benício.

Os convivas se não faziam esperar.

Fazia as honras da sala a exma. sra. d. Theodomira, formosa mulher de trinta anos de idade. O seu vestido era de seda branca com grandes flores cor-de-rosa, casaco de pontas, guarnecido de rendas de Inglaterra, cinto largo, abotoado por colossal fivela de ouro e sapatos de duraque azul.

Passeava pela sala apoiada ao braço de um respeitável ancião de casaca preta e colete de veludo lavrado, deixando ver o lenço de seda que fazia de gravata. Este cidadão dava o braço direito à senhora do doutor e com a mão esquerda aflagava a corrente de ouro que, caindo-lhe pelo pescoço, ia ter ao bolso do colete, onde estava presa ao relógio.

O sr. Barão de Piragé entrou no salão, acompanhando sua digna filha.

Alcina nunca esteve tão formosa nem tão elegantemente trajada. Lindo vestido cor-de-rosa cobria-lhe as formas graciosas e o decote leve e sutilmente talhado mostrava a alvura nítida dos ombros.

Aníbal, por uma coincidência muito notável, chegou logo após o barão, e teve, como Alcina, grande surpresa ao ver-se sob a proteção do mesmo teto que abrigava aquela moça encantadora que à

tarde o fizera experimentar os efeitos do amor.

O leitor estará sem dúvida ansioso por saber como se explica a presença de Aníbal na aristocrática reunião do doutor Benício.

Se bem que não soubesse ele quem foram seus pais — sendo isto um profundo desgosto que o acompanhava — tivera polida educação que lhe dera um caridoso velho — seu pai adotivo. Na decrepitude do seu honrado benfeitor, tendo concluído os preparatórios da lei, matriculara-se na escola militar, da qual se desligara logo depois da morte desse velho para ele de veneranda memória.

Na convivência de pessoas gradas, das quais seu talento precoce granjeara a estima e consideração, impôs-se por seu caráter e maneira distintas. Falava francês corretamente e era versado em ciências. Músico apreciável e apreciado reunia ao gênio artístico a sublime qualidade de poeta.

Foram estes predicados e a grande nomeada adquirida na corte que o introduziram na alta sociedade maceioense, quando pedira transferência para o Norte no intuito de visitar essa parte amena do país.

O baile ia principiar, e já os pares dançantes estavam em ordem no salão.

Aníbal observou um dos figurões presentes dar o braço a Alcina e colocar-se no quadro. Leu na expressão dos olhos de uma rica e formosa morena, de nome Laura, a ansiedade com que esperava ela ser convidada por ele para a dança, entretanto não quis dançar.

E julgava-se infeliz! Meninas facetas procuravam fasciná-lo com seus risos; mas Aníbal não nascera para os namoricos em que são traquejados esses moços gastos, afeitos às aventuras de amores vulgares.

Somente os olhos azuis e o semblante meigo da filha do senhor de Piragé tocariam à corda sensível do coração de aço do digno mancebo.

E ele fartou-se de apreciar a faceirice de Alcina a despeito mesmo do nenhum entusiasmo que de ordinário se nota na primeira quadrilha de qualquer reunião dançante.

Era costume então preencher-se o tempo decorrido entre uma e outra contradança com alguma música executada ao piano.

Aníbal foi instado para servir a este mister. Ei-lo, pois, ao piano executando com maestria um belo trecho de música, cujos últimos compassos foram abafados pelo rumor das palmas arrancadas ao auditório, que o tinha ouvido com religioso silêncio.

Acostumado a receber aplausos e ovações semelhantes, não o perturbaram as palmas que vinham naquele momento, soar aos seus ouvidos como o ruído frenético de tubas sonoras entoando cânticos de amor; e levantando-se para receber os cumprimentos dos que se apressaram em apertar-lhe a mão, meteu-se por entre o grupo alegre que o cercou, e foi oferecer o braço a Alcina, com quem entreteve uma palestra animada, passeando ao longo do espaçoso salão.

O que conversariam eles? É o que não sabemos; mas as palavras de ambos tinham um não sei que desse conto misterioso que os colibris narram às flores cândidas que eles beijam pela manhã; tinham a doce melancolia do canto que a brisa murmura às flores do prado, e a suavidade dos arpejos monótonos que as águas do arroio solfejam baixinho com receio de espantar a rola medrosa que saltita no galho seco caído à margem.

Não foi sem espanto que os dândis ali presentes observaram Alcina dispensar tanta honra a Aníbal que para alguns deles era um simples soldado dedicado à arte de David.

Entre os censores mais “enragés” sobressaía Laura, — a morena de quem já tivemos ocasião de falar. A inveja e o despeito principiavam a sua inglória missão, levantando em torno da angélica união daqueles dois corações a poeira sacrílega que profana o amor em sua mais pura essência.

A música tocou, afinal, e os dois amantes valsaram no salão com a volutuosidade da borboleta que adeja.

Alcina retirou-se, acabada a valsa, para o gabinete reservado às senhoras. Laura acompanhou-a, levando nos lábios um riso mentiroso; as pessoas cínicas são piores do que os répteis: são como os cães hidrófobos, pois danificam o meio social onde exercem sua influência maléfica.

A falsa amiga de Alcina sentou-se ao lado desta que estava recostada molemente no sofá, e disse com ênfase:

— Compreendi que estás enamorada de Aníbal.

Alcina estremeceu. Fitou com espanto, os olhos desmesuradamente abertos em Laura e esta desatou num sorriso irônico.

— Não podes negar, continuou, estou convicta disso; e admiro que os botões amarelos da farda atraíssem-te de modo a aceitares o amor de um soldado! A filha do barão de Piragé!...

— Laura, disse Alcina, não consinto que estejas assim a insultar-me. Amo aquele homem. Acaso te faço mal com isto?

A ingenuidade de Alcina deixou escapar esta declaração que fulminou a indiscreta Laura; e esta ficou possessa ao pensar em ser desprezada por aquele mancebo a quem tanto queria, ao passo que Alcina tinha a felicidade de ser correspondida. Esteve quase a declarar o seu desapontamento, mas a orquestra fez um forte sinal de quadrilha e ela saiu do gabinete, deixando Alcina sozinha a meditar.

Poucos minutos depois, a contradança principiou. Alcina fingiu um grave incômodo e pediu ao pai para retirar-se. Foi uma precipitação, que deve ser levada à conta do gênio da pobre vítima da maledicência. A ave que sai do ninho ensaiando o voo, mal sabe que as tênues asas ainda não podem resistir aos ventos fortes.

Ninguém sabia ao certo o motivo real da resolução tomada pela gentil filha do barão, porém Laura propalou graves calúnias.

Aníbal, procurando distrair o pensamento, altamente preocu-

pado com a inesperada notícia, atravessou lentamente o salão em busca da sala dos fumantes, e tão graves eram as suas meditações que passou toda ela sem dar por isso, enfiando-se por um corredor estreito no fundo do qual havia um pequeno terraço iluminado; atravessou ainda o terraço distraidamente para ir ter, sem o pensar, num gabinete onde alguns ricaços viciosos jogavam como quem estava disposto a arruinar-se de vez. Quando aí penetrou viu um ancião de óculos escuros e barba grisalha, com o bigode espesso amarelado pelo abuso do fumo, levantar-se com um ímpeto de furor, e, atirando algumas moedas de ouro sobre o pano verde da mesa, bradar:

— Um conto de réis à minha banca!

Àquela voz brilharam de espanto os olhos dos parceiros do velho de óculos, e um inglês, de nome Tompson, disse por sua vez:

— Aceito!

Este senhor Tompson com quem o leitor acaba de travar conhecimento, já havia ganho uma importante quantia do velho de óculos, cuja fortuna fora ali extraordinariamente abalada.

Casada a aposta à mesa, o velho principiou a cartear, e o azar esmagador fê-lo cair desmaiado na cadeira.

Seria ocioso descrever aqui uma cena passada entre jogadores nesses momentos de loucura; outros o têm feito com perícia, demais, são tão conhecidas suas consequências que nos julgamos dispensados da tarefa. Retiraram o velho da mesa para um quarto próximo, ficando os outros jogadores absortos na contemplação da feliz cartada de Tompson.

Ali todos estavam esquecidos das obrigações, da família, da honra e dos afetos da amizade, tudo sacrificara-se para dar pasto ao vício hediondo!

Aníbal, entretanto, preocupado como sabemos, assistiu impassível àquela cena. Viu retirarem da mesa sem sentidos um homem

que tinha perdido quantia quase superior à sua fortuna, ficando na mais extrema pobreza, enquanto a mulher e filhas pagavam, no salão próximo, o seu tributo à vaidade, ignorando que no dia seguinte tinham de entregar as joias aos credores de quem, apesar dos cabelos brancos, cavou imprudentemente a própria ruína.

E — coisa estranha! chamado para substituir àquele infeliz, aceitou maquinalmente ao convite, e ei-lo jogando também!

Seriam doze horas da noite quando isto se deu, e quatro horas depois levantava-se ele da mesa senhor de uma fortuna de mais de cem contos de réis ganha àquele mesmo que há pouco tinha arrancado o último vintém ao velho de óculos escuros!

Aníbal restituiu na manhã seguinte ao senhor Thompson todo o dinheiro que lhe ganhara, mas talvez para um fim louvável obrigou este a passar-lhe incontinentemente um título, declarando ser devedor dessa quantia, da qual não exigiu juros.

Este rasgo de generosidade praticado por um homem pobre, fez com que todos que dele tiveram notícia fizessem sublimes conceitos do carácter de Aníbal.

Outro procedimento não era de esperar de quem nunca teve ambições, nem queria tornar-se rico por meio de alheias desgraças.

Aquilo foi menos um lance da fortuna do que um laço que o jogo sabe armar aos incautos, porque ele favorece sempre os seus hóspedes, porém aí daquele que se lhe torne inquilino.

Quando terminou o jogo, já se não dançava mais; todos haviam cedido ao cansaço em virtude do excesso das valsas. Terminou então a reunião que para uns fora deleitável e para outros prematura.

Sempre fora este o resultado das reuniões do doutor Benício. Para ele, inesgotável fonte de renda; para seus convivas, voraz sorvedouro onde o menos que se perdia era o dinheiro.

Muitas vezes de envolta com as moedas os mais infelizes deixavam ir também a honra.

### III

## PLANOS SINISTROS

*Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estúpido ou  
ridículo?  
Do Monasticon.*

No dia seguinte ao em que se deram os acontecimentos acima narrados a cidade de Maceió comentava o fato de ter-se dado um escândalo no baile da véspera entre a filha do barão de Piragé e o alferes Aníbal.

Era o resultado imediato das calúnias irrogadas à digna moça pela perversa Laura.

Os boatos, diz com acerto um escritor, são como os grandes rios: quanto mais longe chegam maior vulto tomam.

Aníbal caiu das nuvens ao saber dessas mentiras, e tomou-se de tal furor que esteve por vezes a estrangular os que lhe falavam a respeito. Não é que seu gênio fosse irascível, porém doía-lhe em extremo as chacotas atiradas impunemente sobre a reputação ilibada que soube sempre manter.

Foi grande o abalo que sofreu, e para não praticar atos indignos de si, armou-se de uma pequena licença, retirando-se para Alagoas — a velha capital. Esta retirada agravou no ânimo público o efeito do feio boato adrede espalhado, e ele foi ter já muito revestido de circunstâncias aterradoras aos ouvidos do barão de Piragé.

A surpresa causada ao senhor barão por notícia que tão de perto

afetava a sua dignidade e a honra da filha, levou-o à casa do doutor Benício, de onde entretanto saíra afagando a convicção de que Alcina fora vítima da mais requintada calúnia.

De volta aos seus penates, o barão recebera uma carta. Abrindo-a, leu o seguinte:

“Exmo Sr. Barão de Piragé.

Tendo em muito alto valor os dotes morais e as excelentes qualidades que exaltam a Exma. Sra. D. Alcina, tomei a deliberação de enviar a V. Excia, a presente carta, manifestando deste modo o desejo que alimento de receber perante o altar a mesma Exma. Sra. como minha legítima esposa.

Peço vênia para assinar-me — De V. Excia, criado muito respeitador. Cidade de Alagoas, setembro de 1845.

Aníbal de Alencastre.”

O barão leu três vezes esta carta, cuja simplicidade traduzia a pureza dos sentimentos de quem a enviou e do amor recíproco entre o signatário dela e de sua filha Alcina; mas o senhor de Piragé não compreendia isso, nem achava possível existir amor entre a filha d’um barão e um homem do povo. Dando umas três voltas pela sala alcatifada, rasgou a carta, vociferando palavras de desesperação. Em seguida sentou-se à carteira, escreveu por alguns instantes, e, chamando um criado, mandou-o com pressa à casa do doutor Benício.

Quando o criado saía, Alcina entrava na sala. Trazia, como sempre, o sorriso nos lábios e todo um coração bondoso para agradar ao papai; ele não estava, porém, disposto a receber Alcina com delícias. Naquele momento havia desaparecido o carinho paternal; existia apenas o orgulho truanesco do irascível caráter do barão.

O senhor de Piragé recebeu Alcina com inauditas grosserias; perguntou se ela havia autorizado o alferes Aníbal a pedi-la em casamento; fez-lhe ver que que seria isso uma coisa impossível...

— Se meu pai quisesse, bem possível seria.

— Mas a senhora esquece-se de que é minha filha, e quer trocar a abundância em que vive na casa de seu pai pelas migalhas que o governo deixa no orçamento para sustento de seus beleguins.

Alcina nada respondeu. A sua educação não permitia que ela argumentasse contra as opiniões de seu genitor.

O seu amor, a sua amizade, o seu coração estavam hipotecados; era isto um fato, e contra fatos não há argumentos.

— A senhora há de escolher: ou esquece essa louca pretensão, ou terá de despir as sedas para envergar num convento as vestes de freira.

— Aceito a última hipótese, meu pai, privada de ser esposa d'um homem, aceito sem constrangimento o consórcio com Deus!

O Barão ficou possesso. Levantou-se furioso e, vacilando, como quem se arrepende do que vai praticar, sentou-se de novo, ordenando à filha que saísse de sua presença.

— Este senhor Aníbal, bradou, há de pagar-me tanta ousadia!

Alcina ouviu a brusca ordem de seu pai com o rosto banhado em lágrimas, e, caindo de joelhos em seus pés, desatou no mais doloroso pranto.

O barão não era homem que se deixasse enternecer por lágrimas de mulher, ainda mesmo quando esta mulher fosse a única herdeira de seu nome; e do alto de seu egoísmo não concedia que ficasse sem castigo a “ousadia” de Aníbal.

Ouvindo passos de alguém que subia as escadas, abriu uma porta que dava para a sala imediata, e como Alcina estava atônita pegou-a pela cintura e a foi atirar como se fora um fardo sobre o sofá da sala referida, fechando a porta. Em seguida, abrindo a que dava para a escada, encontrou-se com o doutor Benício.

— Bem-vindo seja, senhor doutor!

O doutor estava bastante familiarizado com o barão, para estranhar a indelicada recepção.

— Para servir ao amigo, estou sempre pronto, disse o doutor, sentando-se numa cadeira.

O barão, fazendo o mesmo, prosseguiu:

— O sr. dr. sabe perfeitamente que o baile a que há dias compareci em sua casa, trouxe-me o desgosto de ver o nome de minha filha ser alvo de calúnias infamantes assacadas por miseráveis detratadores.

O doutor fez um gesto de assentimento.

— Pois bem, prosseguiu ainda o barão, sei agora por convicção própria, que o principal autor de tão ridícula farsa é o desgraçado alferes que o senhor teve a infausta lembrança de convidar. Propalou tais vilezas com o fim de coagir-me a consentir na pretensão louca que alimenta, porém que jamais conseguirá.

O doutor estremeceu e passando o lenço na frente, perguntou:

— De que se trata, então?

— De fazer saltar os miolos daquele infame! berrou o barão com a fúria de um celerado. Teve o arrojo de escrever-me pedindo Alcina em casamento!

— Compreendo tudo, observou levianamente o doutor Benício. O homem quis ver se obtinha o que desejava e por julgar impossível envidou o meio torpe que lamentamos. Convém puni-lo severamente.

O barão, levantando-se disse:

— Tem à sua disposição o dinheiro de que precisar; o homem está em Alagoas, faça o que entender, contanto que ele não volte mais a esta capital.

O doutor pensou por alguns minutos, depois acudiu:

— Boa ideia! Tenho um plano magnífico!

— Veremos se serve, disse o barão.

— Os remeiros de Alagoas são todos paupérrimos, e não há entre esta capital e aquela cidade outro meio de comunicação, senão

as canoas. Mandarei para lá uma pessoa de confiança e no dia em que Aníbal tiver de embarcar será peitado o remeiro para deixá-lo ficar servindo de pasto aos siris. Tudo será arrumado em ordem a que se salvem as aparências.

— Muito bem, disse o barão, siga logo a executar o seu plano.

O doutor, pegando o chapéu, desceu sem dizer mais uma palavra; o barão ficou passeando pela sala com a satisfação de quem pratica uma boa ação.

Mal pensava ele que Alcina tinha ouvido, palavra por palavra, o plano sinistro do doutor Benício; que ela não tinha o coração endurecido na prática de infâmias; que a fraqueza de uma mulher pode tornar-se força bastante para obstar a consumação de um monstruoso delito.

No correr da conversa de seu pai com o doutor, Alcina, separada deles apenas pela espessura do tabique, esteve por vezes disposta a bater com força na porta por onde fora introduzida para ir cair de joelhos aos pés daqueles algozes, pedindo-lhes que tivessem compaixão de Aníbal, cujo crime único era ter-lhe consagrado seu amor; mas ela sabia de quanto era capaz o senhor barão de Piragé, e pensou em ser útil ao inditoso moço por outro meio de que ocultamente pudesse dispor.

Foi assim que enxugou as lágrimas e assentou num plano de salvação possível. Lembrou-se de Lucrecia a antiga e boa servçal, chamou-a ao seu quarto, onde não podia ser vista nem ouvida por ninguém, passou a mão sedosa pela fronte em que borbulhavam gotas de suor semelhantes ao orvalho fresco da campina, e principiou a falar-lhe assim:

— Minha boa e carinhosa Lucrecia. — Sei que me és em extremo dedicada: os cuidados imensos que desde minha infância me hás dispensado são motivos poderosos para que te eu seja assaz agradecida. Pelo tratamento e atenções que sempre tive para contigo

parece-me que nunca desmenti o conceito que o público faz de meu amor a uma velha que respeito. Vou confiar-te um segredo e desejo seja bem cumprida a missão de que ora te incumbo.

E contou o ocorrido à escrava, que deixou correr pela face enrugada lágrimas sentidas.

Alcina lançou mão da pena e escreveu sobre o papel:

“Ao Sr. Aníbal de Alencastre.

Alagoas.

“Uma pessoa que o estima e que não poderá resistir aos efeitos da notícia fatal de que o senhor foi assassinado, avisa-o de que há um plano de assassinio contra si. Desconfie dos remeiros com quem embarcar.”

Quando Alcina terminou este escrito o papel estava salpicado de pérolas caídas de seus olhos.

— Lucrécia, disse ela com tristeza, eis aqui a salvação de uma vida preciosa, e o obstáculo único que posso opor à perpetração d’um crime bárbaro! Oh! meu pai!... Vós? assassino?! E não o posso denunciar... Incorreria em sua maldição! Mas o Senhor velará por mim. Isto não acontecerá. Toma a carta, Lucrécia, e faz seguir o seu destino.

Lucrécia tomou a carta e saiu.

## IV

# UMA MORTE INESPERADA

*... se esforça quanto  
O ajuda seu furor em tal aperto,  
Gritos levanta ao céu, que põem espanto,  
Mas como se bradara num deserto.  
Eneida port. — L. 3º*

São quatro horas da tarde. Reina completa calma; as águas da formosa lagoa do norte tranquilas, como estão, parecem adormecer aos beijos tépidos do astro rei que vai em caminho de seu ocaso.

Bandos diversos de garças brancas cruzam o ar em todas as direções, perseguindo os cardumes de peixes pequenos dos quais vivem.

A lagoa, de ordinário incessantemente transitada por canoas, está deserta. Apenas uma dessas pequenas embarcações, tendo saído do porto da Levada, navega pela costa do mangue.

O remeiro que a impele sobre as águas, preferiu seguir aquele rumo, como práctico que é, por não soprar vento algum, com o auxílio do qual pudesse fazer-se ao largo e correr à vela.

Observa o céu majestosamente colorido e que oferece um desses lindíssimos painéis que só a Natureza é capaz de apresentar aos olhos do mundo; canta alegremente um lundu popular, dando aqui e ali fortes impulsos de seus braços vigorosos à casca de noz em que viaja; e brinca

com o remo que espana de leve as águas, descrevendo semicírculos.

O homem trabalhador, acostumado a bater-se constantemente na luta pela existência, encontra distração e poesia até no trabalho rude e grosseiro em que lida.

O navegante familiariza-se com os perigos sugeridos no alto mar pelas tormentas e sente-se contente ouvindo o bramir das vagas e o sibilo dos ventos; o lenhador compraz-se em apreciar o canto das aves que parecem entoar um dueto com o som monótono produzido pelo machado ao descarregar profundos golpes no tronco da árvore que ele derriba.

Quando a canoa de que nos ocupamos passou a pequena ponta que precede o canal do Ramos e chegou a este, principiou a soprar vento brando produzindo as carneiradas comuns às águas dos lagos. Era ocasião de aproveitar o elemento precursor do adiantamento da viagem, poupando as forças gastas em remar.

O homem não hesitou. Fez-se de proa ao largo, armou o pano (1), e ei-lo sentado no banco da canoa a governar esta, tendo o corpo inclinado para trás em atitude de a suster no cabo da peroba (2) a fim de seguir em linha reta.

O vento foi aumentando pouco a pouco. A canoa atravessou o canal do Ramos como uma locomotiva a correr num campo deserto, evitou a coroa que a ele se segue e chegou ao tormentoso canal Grande, hoje denominado “Calunga.”

Súbita tempestade desencadeou-se medonha, assustadora. Chovia a cântaros. O céu de límpido e claro como estava pouco antes tornou-se de aspecto sombrio. O sol atufou-se num manto de nuvens negras e o vento soprou de rijo. O navegante lutou contra as vagas como um herói; mas o “Calunga” como que dispôs-se a tragar d’um sorvo o ousado remeiro. Então conheceu este a gravidade da situação, e, exausto de forças, elevou os olhos ao céu implorando o socorro único que naquele momento o podia salvar.

Era tarde! Os seus dias estavam contados e ele devia pagar assim o tributo universal! (3)

Uma forte refrega de vento fez partir-se a verga, a canoa rodou como um moinho, atirando n'água o pobre que a conduzia.

Um nadador corajoso não morre assim facilmente; mas o infeliz dera pancada no crânio de encontro à beira da canoa e caíra n'água sem sentidos.

O homem de que nos ocupamos era um antigo pescador, velho conhecido de Lucrecia e por ela escolhido para ir levar a Aníbal a carta de Alcina.

E enquanto Lucrecia dava conta à Sinhazinha do fiel cumprimento de suas ordens, o portador da carta morria afogado no caminho.

*(1) Na gíria dos nossos canoieiros quer dizer: soltar a vela aos ventos.*

*(2) Remo.*

*(3) O leitor deixe passar sem reparo este lapso. Não somos fatalistas, nem estamos a pregar doutrinas condenadas por sedições.*

V  
PERTURBA-SE A PAZ  
D'UMA FAMÍLIA

*A gratidão é o mais justo de todos os sentimentos morais;  
mas quando é despertada por o infortúnio é a mais bela de  
todas as virtudes.  
Monte Alverne. — Sermões.*

**A**níbal, ao retirar-se para Alagoas, onde foi refocilar-se da grande agitação de seu espírito, praticou uma ação louvável.

O velho de óculos escuros ficou completamente arruinado depois daquele jogo do baile do doutor Benício. Os credores fecharam-lhe as portas do estabelecimento e o pobre viu-se metido em calças pardas.

Aníbal era um rapaz de coração nobre, de sentimentos magnânimos. E já que não se utilizou da importante soma ganha ao sr. Tompson, não era lícito tolerar o esbulho feito a uma pobre vítima do jogo.

No dia de sua partida ordenou a Tompson a entrega do dinheiro do velho e este efetivamente recebeu-o mais admirado da generosidade do moço militar do que satisfeito por ver-se de novo abastado.

Partia isso da resolução inabalável por ele tomada de ir viver

desprezado a um canto do mundo onde pagasse a sua criminosa maneira de proceder, que não tinha desculpa diante de tantos cabelos brancos, com os labores de trabalhos árduos, com a prática de profissões suarentas. Quando entrou em casa trazendo o dinheiro de que a bondade de Aníbal lhe fizera outra vez possuidor, protestou não mais jogar em sua vida; e em vez de continuar em seu anterior negócio, comprou um sítio de boas terras e fruteiras e para lá foi morar sossegadamente, longe da efervescência das paixões.

Nada mais delicioso do que a vida do campo; o ar que se respira na roça é mais do que um alívio aos padecimentos físicos e morais: é um conforto e uma consolação.

\*\*\*

Pelas 5 1/2 horas d'uma tarde chuvosa em que parecia se terem aberto todas as cataratas do céu, uma canoa, levada pela corrente das águas, subia o canal estreito de Santa Rita, três a quatro léguas distante da capital. A maré estava de enchente.

Os habitantes da pitoresca e fertilíssima ilha se haviam recolhido todos às suas casas situadas à sombra das mangueiras frondosas e ao lado dos coqueirais. Em setembro principia ali a safra das batatas que a ilha produz abundantemente, e era por isso que se achavam grandes montes delas sob os alpendres daquelas pequenas habitações.

A porta d'uma casa de construção forte e que muito se distinguia das outras por seu estado de asseio e boa conservação, via-se, recostado numa poltrona, um ancião respeitável por seus cabelos brancos, metido em largas pantalonas presas por suspensórios, completamente absorto na leitura de um livro cuja capa já muito coçada tinha cor duvidosa.

Quem se aproximasse dele e procurasse ler o título do livro enxergaria logo no alto das páginas a legenda — Resumo de História Sagrada.

O ancião lia com dificuldade por ser um pouco tarde, e estava de óculos escuros, tendo junto a si ouvindo-o atentamente dois trabalhadores seus. Não precisamos dizer, pois o leitor já deve ter adivinhado que era o mesmo arruinado no jogo e favorecido pela generosidade de Aníbal. Tinha chegado para ali havia poucos dias e estava tão resignado e satisfeito com a sua vida nova que sentia grande prazer em ler os capítulos da história santa tendo ouvintes a quem noutro tempo não daria tamanha honra.

Tais são as nossas presunções que se torna às vezes necessário um revés da fortuna ensinar aos egoístas que devemos ter em muita conta o infortúnio alheio; a incerteza do futuro é um freio à malversação de uns e às vaidades de outros.

A aproximação da noite interrompeu a leitura. O velho levantou-se e estendendo a vista para a lagoa, disse:

— Catonho, vai fugindo uma canoa... Será alguma das minhas?

Catonho pegou num remo, foi ao porto e empurrando para o canal uma canoa que estava à beira d'água, foi com ela ter à que fugia, Mas, qual não foi a sua admiração e espanto ao vê-la com a verga que brada e suja de sangue?

— Oh! esse negócio está mau, “seu manjó”! a canoa está suja de sangue! disse Catonho ao voltar ao porto.

O velho, ouvindo estas palavras, enfiou um rocló e foi até o porto, onde já estava reunido a Catonho o outro companheiro. Lá chegando observou que, apesar da chuva ter diminuído o efeito, ali se derramara sangue. Um pano grosso amontoado à proa estava quase tinto. Levantando esse pano, encontrou sob ele uma “quimanga” (1). O velho abriu-a e dentro achou uma carta.

Pegou a carta e foi para casa com os seus; a frieza do tempo descolara o invólucro.

Não era uma carta vulgar; a letra e o papel denunciavam alguma cousa de especial e aristocrático. O velho leu-a para si apenas. Ao

terminar deu um grito de horror. Era a carta de Alcina.

Às quatro horas da tarde pouco mais ou menos afundara-se no “Calunga” o portador e uma e meia horas depois a canoa do infeliz passava em Santa Rita à mercê das águas.

Parece incrível? Vejamos: do “Calunga” à ilha não é menos de três léguas.

A canoa subiu o canal e foi ter à barra; não chegou a passar esta. Costeou a Gibóia e seguiu pelo canal da Boca da Caixa. O vento era forte, o trânsito foi rápido.

O sangue que nela havia era proveniente da queda que o remeio dera e na qual fendera o crânio — razão de sua morte súbita.

Entretanto, não havia quem soubesse explicar o misterioso acontecimento.

A carta de Alcina foi parar às mãos do velho em Santa Rita e a vida de Aníbal corria grave perigo.

Com a leitura da carta, o velho contrariou-se imensamente. Os dois homens ficaram aturdidos, embaraçados; a família do velho acudiu pressurosa e seguiu-se um grande pânico.

Quando ele recobrou o sangue frio, viu-se rodeado da esposa e dos filhos, quis falar mas não pôde. O coração pulsava-lhe desordenadamente e um não sei que embargava-lhe a voz.

É sempre má a impressão que nos causam as notícias de dramas sangüinários; e quando o desfecho fatal deles recai sobre pessoas afeiçoadas a quem recebe a comunicação de acontecimentos tais, não sabemos se haverá aí alguém capaz de resistir aos assomos do coração ferido de morte no que ele tem de mais santo a amizade.

É possível que a sanha de quem luta e a ambição da vitória petrifiquem os corações ainda os mais insensíveis, isto no momento supremo do combate, porém a dor mais intensa se manifesta quando lamentamos as sobrevindas desgraças.

— Miseráveis! disse ele, depois de alguns minutos, assassinar

um homem de bem?!... Quem serão os perversos que isto querem fazer? Oh! meu Deus! Dai-me coragem! Será tarde para salvar o pobre moço?!

Enquanto assim falava, o velho era constantemente interrompido pela esposa, pelos filhos e pelos trabalhadores, todos a uma voz interrogavam-no sobre o conteúdo da carta.

— É preciso que me não demore, vamos à cidade de Alagoas, rapazes; esta carta é um aviso que mandam ao senhor Aníbal. Há plano assentado de assassinar esse belo rapaz e eu não posso furtar-me ao dever de ser-lhe útil em tão doloroso transe.

A esposa do velho, ouvindo tão triste nova, caiu em penosa prostração.

— Papai, não vá, papai! gritavam os filhos soluçando.

Há momentos tão angustiosos na vida do homem que podem ser apontados como o resumo de acerbas e longas agonias.

Nunca se julgue mártir somente aquele que por muito tempo sofreu, senão também o que padeceu menos demoradamente; é por isso que uma vida inteira sacrificada a mortificantes padecimentos físicos não vale às vezes o peso de certos incômodos morais.

Houve um momento de reflexão. O velho pensou melhor sobre o caso estranho que se passava, e tratou primeiro de vigiar a esposa. Urgia tomar uma providência e carecia para isso de calma.

O leitor lembrar-se-á de que a vez primeira que falamos no famigerado doutor Benício dissemos ser ele um homem capaz de tudo, por isso não admirar-se-ia de vê-lo aceitar com a maior prontidão a proposta miserabilíssima do barão de Piragé no sentido de mandar assassinar um pobre moço inofensivo que ele considerara, convidando-o para a reunião familiar ultimamente realizada em sua casa.

Quando o barão falou em dar cabo da vida preciosa de Aníbal, os olhos do doutor Benício brilharam como os de um tigre ao fitar a sua presa; ele não era dedicado ao amigo até sujeitar-se desinte-

ressadamente ao desabafo de seus caprichos e ruins paixões, mas lembrou-se da dívida de Tompson e de que era fácil arranjar uma “patota” que lhe desse a posse de parte dela.

Infelizmente, o mundo é cheio desses tipos infames que deviam habitar nas prisões onde expiassem os seus crimes, prisões em que nem sempre se recolhem os mais culpados.

É esse homem terrível — um monstro em forma humana! — era apontado nas folhas políticas de sua parcialidade como protótipo de virtudes e honradez, ocupava cargos de nomeação do governo e de eleição popular e nada se fazia, por assim dizer, sem a sua consulta prévia!

Ninguém melhor do que o doutor Benício estava certo de que Aníbal e Alcina amavam-se; ninguém melhor do que ele sabia que não havia inconveniente no casamento desses dois jovens, porque se ela era rica e bela, ele era um militar brioso, estimado por suas qualidades, recomendáveis por seu talento e que via desenrolar-se através de um futuro não remoto a auréola fulgurante da posição elevada a que fazia jus o seu merecimento; mais o doutor não era homem que se recusasse ao negócio mais vil do mundo quando para encarregar-se dele lhe ofereciam dinheiro!

Que mal lhe causaria, pois, entrar em ajuste com os malfeitores que de ordinário estavam ao seu serviço, acerca do assassinio d’um homem, fosse este quem fosse?

O barão lhe tinha aberto os cofres, a dívida de Tompson era um pouco avultada; como desprezar tamanha gorjeta?

O doutor Benício, voltando à casa no dia em que fora chamado pelo barão para tratar deste negócio, deu-se pressa em tomar as convenientes medidas a fim de não falhar o seu plano.

Aníbal, por coincidência muito fatal, embarcara em Alagoas com destino a Maceió no mesmo dia tempestuoso em que se sucederam os acontecimentos acima narrados. Má estrela guiara-o então.

Ele temeu a borrasca que se anunciou tremenda, mas não podia retroceder na viagem por findar-se no dia vindouro a sua curta licença, e ser preciso apresentar-se no quartel aos seus superiores. Escravo do dever, achava cousa difícil justificar-se d'uma falta mesmo involuntária.

O temporal veio muito a propósito colaborar com os mandatários do doutor Benício na obra iníqua por eles empreitada. Parece que a natureza fizera timbre em favorecer àqueles malvados, proporcionando-lhes ocasião azada de praticar uma morte que simuladamente atribuir-se-ia ao acaso.

Aníbal embarcara em uma canoa de tolda de palhas de coqueiro, tolda cuja comodidade era apenas a que oferecia a canoa de um banco a outro. Uma hora seguramente depois do embarque a noite chegara trevosa. Uma vez na canoa ele meteu-se em seu capote de pano e não mais saiu da tolda para ver o mundo.

No silêncio imposto pelas eventualidades de viagem tão incômoda, não tinha ele pensamento algum que não fosse reservado ao ente único a quem adorava na vida. Os trovões atroavam no espaço com o assombroso estrondo de um cataclismo, e os relâmpagos incessantes clareavam as palhas da tolda alumando o interior da guarida flutuante do viajor intrépido.

Muito pouco havia adiantado a viagem; o tempo não estava de favorecer ninguém que em tal emergência transitasse na lagoa.

Os dois remeiros, trajando ambos roupa grossa, de algodão, e chapéu de grandes abas, no princípio da viagem estavam pensativos, taciturnos. Depois, se foram tornando tagarelas, até que degeneraram em praguejadores e incrédulos, amaldiçoando Deus e o mundo e afrontando com palavrões indecorosos a natureza enfurecida.

Aníbal, impaciente, sentou-se e ia perguntar a altura em que estavam, quando ouviu dizer:

— “Seu alferê”, é tempo de dar um mergulho!

Ele não compreendeu.

— Então, não sabe, meu fidalgo?! disse o outro remeiro com a voz um pouco semitonada.

O drama ia ser representado. As trevas da noite envolviam o cenário. O vento sibilava na ramagem da vegetação que espontaneamente cresce ao longo das costas e um assombroso estrondear de trovões sobressaltava o moço. As águas produziam ondulações fosforescentes, e os relâmpagos, aclarando as elevações fragosas do monte, mostravam aos seus olhos o corpo gigante da terra adormecido à beira d’água.

Alongando o pescoço viu Aníbal, ao clarear d’um relâmpago, o remeiro da proa cambaleiar, tendo na mão uma garrafa que, sem dúvida, continha aguardente. Pusilânimes! o álcool deu-lhes a coragem bestial do carrasco!

— Tratantes! disse Aníbal consigo mesmo. Estou mal com estes beberrões.

Bem não acabara ele a frase, descarregaram sobre a tolda tremendas bordoadas com os remos. Procurando sair, Aníbal foi subjugado pelos dois pulsos de Hércules de um dos remeiros que lhe saltou no espinhaço com todo o peso do agigantado corpo. A luta travou-se medonha.

— Não me assassinem, covardes! Nada tenho aqui que me roubem! bradou Anibal, pensando talvez que o móvel daquilo fosse o roubo.

— Que diz ele? resmungou um dos remeiros, confundindo a voz aguardentada com os bramidos da tempestade.

E, diligenciando atravessar por cima da tolda para o lado em que Aníbal e o outro falsário lutavam, a canoa, sem governo, subindo a descendo no dorso das vagas, açoitada do vento e da chuva, recebeu nos flancos uma forte rajada e atirou n’água passageiros e tripulante.

Este incidente pôs termo à luta. Os remeiros galgaram com algum esforço a canoa, e um deles que teve a felicidade de encontrar o remo, ainda perseguiu Aníbal com pancadas a esmo, quando ele flutuou n'água.

— Fica de molho, meu fidalgo!

Aníbal nadava como um bom marinheiro. Em São Paulo e no Rio de Janeiro fizera proezas nos rios mais caudalosos dessas duas províncias.

O perigo que correu a sua vida, foi iminente. Contudo não esmoreceu. Fraquejar então fora cobardia.

Ao cair n'água foi direto ao fundo. Alguns minutos depois veio acima e nadou em procura da costa. O canal onde o atiraram era um tanto estreito, porém muito fundo; e se não era tormentoso, sempre ao menos estava bastante na ocasião de que nos ocupamos.

Aproximou-se da costa, mas não pôde chegar à terra; eram muito altas as ribanceiras adjacentes.

Agarrou-se às raízes de uma árvore que desciam nuas por sobre os barrancos e aí deteve-se. O cansaço vencia-o, o frio penetrava-lhe até à medula.

Naquela posição difícil teriam os malvados, se ali chegassem, cortado o fio de sua preciosa existência.

Imagine o leitor um homem cansado d'uma luta desigual com dois assassinos, faminto de ar, a pele enregelada, entumecida, o corpo meio suspenso d'água, agarrado com unhas e dentes às trepadeiras e raízes que descem pelas encostas íngremes e respirando dois minutos para recomeçar...

Este pode ser aclamado herói.

Foi neste estado que Aníbal ouviu como que uma voz. Os ouvidos também se enganam. Desta vez acertaram, e ele gritou.

Era uma canoa que, felizmente, aproximou-se.

Ele repetiu os gritos de socorro e com felicidade porque foi ouvido.

Não era possível entrar a canoa naquele lugar e Aníbal nadou em busca dela. Botaram-lhe um remo e ele pegou.

Quando pôs o pé na canoa um homem encapotado apertou-o nos braços.

— Major Sá!!

— Meu amigo!!...

Estes gritos confundiram-se com o estrondo dos trovões; um relâmpago abrindo no espaço alumiou esta cena tocante e viu-se um velho abraçado com Aníbal a quem acabava de salvar.

*(1) Cabaça furada na extremidade superior e em que os remeiros carregam água ou farinha.*

VI  
A CASA DO BARÃO NA NOITE  
TEMPESTUOSA

*Deviam ter sido assim sentidas as lágrimas de Madalena  
vertidas ao pé da Cruz.  
Do autor.*

V oltemos à casa do sr. Barão de Piragé. Estamos na mesma noite dos trágicos acontecimentos de que o leitor acaba de ler a narração.

São dez horas.

A chuva, tangida pelo vento sul, bate nas vidraças das janelas; o lustre da sala tem apenas um bico aceso, e esta acha-se deserta.

Nada perturba o silêncio desse vasto salão.

Ouve-se, lá fora, o forte batido das águas pluviais que descem do telhado por dois canos de folhas colocados um de cada lado da frente do edifício, e precipitam-se no passeio da rua da altura da sacada, onde ter minam ditos canos simbolizando dois ferozes crocodilos.

O corredor também está alumiado pela chama de um pequeno candeeiro pendurado à parede.

Entremos por ele até a sala de jantar.

A mesa está posta.

A uma das cabeceiras está sentado o barão, tendo de seu lado esquerdo o doutor Benício. Devoram um saboroso guisado com o apetite d'um bretão. Dois gastrônomos de força!

O doutor disserta sobre política; o barão fala pouco. Receia talvez que o amigo, apesar de tagarelar muito, o deixe com fome. Quando o barão menos o esperava, porém, o doutor Benício cruzou o talher sobre o prato.

Afora esses dois comilões notáveis ninguém mais ali se achava. Nem um criado servia à mesa.

Numa noite menos invernosa o barão não cearia somente com o doutor.

Todos os dias reuniam-se em sua casa muitos amigos; porém nem só o tempo opunha-se a que se transitasse nas ruas, como o barão de Piragé naquela noite não estimaria muito receber a visita de outro amigo que não o doutor Benício.

Ao depor o talher, o doutor, palitando cuidadosamente os dentes, disse:

— Excelente está a noite para a realização do “negócio”. Se o homem fez a asneira de embarcar hoje, boa desculpa terão os “nossos”. O que é certo é que Aníbal não podia deixar de partir.

— Deve ter embarcado, sem dúvida, ao menos pelo dia aqui não choveu tanto como agora. O temporal principiou à tarde.

— Tenho confiança no Toledo, continuou o doutor, mas quem sabe se apareceu alguma dificuldade? Em todo caso as minhas instruções foram dadas em ordem a que se não vingasse o plano de afogar Aníbal, dessem-lhe fim de um modo qualquer; além disso, quando falei a Toledo de que havia um conto de réis a ganhar, o mariola rangiu os dentes, e é de crer que não deixe passar o ensejo de pegar essa gorjeta.

O doutor preparava-se para assaltar os cofres do barão.

Toledo, indivíduo de quem o doutor acaba de falar, era uma dessas criaturas de instinto maligno e que tem de figurar mais tarde

noutras indignidades cometidas por seu protetor e cúmplice. Deixemos o doutor Benício a conversar com o barão de Piragé, enquanto percorremos outros compartimentos da casa deste último.

Ao lado direito de quem entra na sala de jantar pelo corredor de que falamos, há uma porta fechada, o que se observa pelos ferrolhos que ficam para o lado de fora; abrindo esta porta encontra-se uma escada: é estreita e bastante inclinada. Conduz à água-furtada do prédio. De dia os raios do sol penetram por uma claraboia; à noite quem nela sobe tem necessidade de luz. A água-furtada pelo verão era uma estufa; nesta noite, porém, estava fresca. Fora este o lugar escolhido por Alcina para isolar-se do mundo, carpindo as dores cruciantes de seu padecer.

Desde o dia em que o senhor de Piragé a mal tratara da forma estúpida que o leitor conhece, nunca mais a faceta menina recobrou a antiga viveza e alegria inerentes ao seu gênio prazenteiro.

Aqueles róseos lábios nunca mais tiveram um sorriso; aquele bondoso coração nunca mais palpitou de prazer.

Os corações bem formados têm a delicadeza de um átomo. Este a menor agitação produzida no ar leva-o de rojo pelas amplidões, aqueles — o mais pequeno choque mergulha-os sem dó nas profundezas insondáveis do abismo que se chama — desolação.

O senhor de Piragé quis soffrear bruscamente as oscilações da corda sensível do coração de sua filha. Isto era impossível. Ninguém pode dar leis à natureza. Estupidamente incitada ao sacrifício de sustar as suas emoções, e os seus êxtases, nas aras da conveniência, jamais o fez: preferiu as mortificações do corpo, as macerações que fingem um impossível retraimento d'alma.

Daí o seu constante padecer. Ali, naquele inferno terrestre, passava noite e dia, tinha por companheira Lucrecia, por distração alguns livros.

Dir-se-ia uma jovem enclausurada nas torres de um castelo no tempo do feudalismo.

Nas celas de um convento talvez sofresse menos. De quando em vez apresentava-se à mesa para almoçar ou jantar; o barão por sua vez não lhe exigia este sacrifício.

Contentava-se ele em trazer Alcina debaixo de grande vigilância; à noite trancava-a n'água-furtada, de dia espionava a pobrezinha, temendo que ela tentasse alguma fuga.

Não obstante ter mandado assassinar o alferes Aníbal, o perverso tinha ainda essa tola precaução!

À hora em que penetramos n'água-furtada, Alcina está de joelhos diante de um oratório colocado sobre a única mesa existente neste acanhado recinto.

A sua atitude é por si só bastante enternecedora.

Na tez alva e mimosa havia alguma coisa que denunciava a mística revelação de sua dor.

Há dores cruciantes que matam, e torturas horríveis que tornam o corpo insensível; a matéria adormece e o espírito divaga.

Desse esvoaçar da alma em torno dos mistérios resulta o medo que assombra, ou as concepções sublimes que extasiam. Esta é a luta do espírito.

Alcina tinha medo dos trovões que estavam no seu auge e rezava contrita, enquanto Lucrecia queimava palhas bentas, as quais, segundo a credence popular, têm o poder de abrandar as tempestades.

Terminando a oração, lembrou-se do portador enviado a Alagoas e pediu a Deus a sua benevolência e proteção para o pobre que devia estar naquele momento sob a pressão dos elementos em fúria.

O amor semeou no caminho que a virgem seguia urzes ameaçadoras; era preciso estar alerta para que não lhe tocassem os espinhos.

O menor descuido podia ser-lhe fatal. Chegara a sua vez de lutar e sofrer, e nisto, disse alguém, consiste a vida.

Quando uma virgem reza contrita quem a vê deve sentir a mais

doce impressão. É um espetáculo menos do mundo que do céu. A virgem rezando nunca pede senão em casos especiais. Vemo-la sempre levantar os olhos ao céu e enviar-lhe um sorriso, poucas vezes uma prece. Nada mais natural porque dos anjos o céu não quer mais do que o sorriso. É dele que vi- vem as almas benditas.

A prece de Alcina foi ouvida, não em favor do desventurado portador da carta, pois este já tinha morrido, mas em favor de Aníbal que ainda lutava com os malvados que o tentavam assassinar.

Se a pobre menina adivinhasse esta circunstância, qual não seria a sua dor? Pode ser que a grandeza de sua alma a fizesse forte e resoluto; a mulher que ama enfrenta serenamente os desastres sugeridos no alvorecer de suas aspirações.

Os seus esforços foram baldados e os planos do doutor estavam em via de execução.

Florescia o mal; o bem fora suplantado.

Ali, naquela atitude divina, banhada de lágrimas, com a fronte empalidecida pelo terror, o coração aflito e o espírito desassossegado, quem a visse sentiria uma dessas comoções tristes, que passam. Tal era nesse momento a compaixão inspirada pela virgem melancólica e enternecedora.

E... oh! miseráveis criaturas! Sofria deste modo a vítima da estupidez e do egoísmo de um pai desnaturado, cego pela deplorável avidez de riquezas, e poucos metros abaixo do lugar onde se passava essa tristonha cena, os algozes banquetevam-se antecipando juízos à segurança em que descansava o efeito de suas temeridades! Regozijavam-se por verem que um capricho na natureza coadjuvava-os na perpetração de um crime horroroso, como era o que estava premeditado e que por sua vez traria o aniquilamento daquela por cuja causa se queria ceifar uma existência!

Felizmente, acima da vontade dos homens está a vontade de Deus.

A justiça divina vela sempre pelos incautos.

## VII

# TENTATIVA MALOGRADA

*O crime poderá alcançar esplendor temporal, mas nunca  
pode conferir felicidade real.  
Walter Scott.*

**F**oram grandes os estragos causados pela tempestade; aqui e ali abateram casas e choupanas, ficando os moradores expostos às intempéries.

Árvores grandíssimas partiram-se pelos troncos e vieram ao chão, produzindo estrondo em sua queda; os rios mais próximos da capital saíram dos respectivos leitos, alagaram os campos e várzeas, arrastando com força impetuosa de suas correntes o que encontraram pelas margens.

Na lagoa não foram poucos os desastres. Canoeiros que vinham em demanda do porto da Levada a fim de venderem na manhã seguinte o produto de suas lavouras, sofreram o emborcamento das canoas e perderam as mercadorias.

Entretanto, verificou-se o provérbio popular que diz: depois do temporal, vem a bonança.

Quando as águas baixaram e as partes alagadiças foram dando passagem a pé, o peixe aparecia em turbilhões e era facilmente apanhado.

No dia imediato os assassinos, julgando Aníbal morto, espalharam a notícia.

— Fatalidade! Dentre tantas vidas que estiveram em perigo ficou-se a mais preciosa, diziam os amigos do moço inditoso.

As demonstrações de pesar foram profundas e gerais. O doutor Benício dirigiu uma carta aos colegas de armas do distinto alferes manifestando as suas condolências por aquele prematuro acontecimento. Era o cúmulo da hipocrisia!

Uma folha política que então se publicava, estampou em suas colunas, dias depois, a seguinte local:

“CADAVER — Ontem, pela manhã, espalhou-se nesta cidade a notícia de que nos mangues fronteiros à povoação do Pontal da Barra entre esta e o sítio Remédio, apparecera um cadáver, que fora conduzido para terra. Sendo certa, como está, infelizmente, averiguada, a morte por submersão do official do exército, Aníbal de Alencastre, de saudosa memória, muita gente correu ao lugar indicado; mas qual não foi o desgosto dessa gente ao presenciar o espectáculo tristonho de uma ossada, à qual apenas aderiam fragmentos de carne pútrida? Nem ao menos as roupas foram encontradas, apesar mesmo de todas as diligências realizadas; pelo que não se reconheceu a identidade, embora a caveira apresentasse uns dentes alvos e formosos, como eram os de Aníbal.

São mui bem fundadas as razões que nos levam a acreditar ser o cadáver do infeliz moço desde que não há notícia de outra morte no dia da tempestade caída sobre esta capital e da qual tratamos no número passado deste jornal.

Esses destroços humanos foram conduzidos para o cemitério e ali enterrados.”

Tudo estava perdido! Nada se podia esclarecer a respeito, tanto que a mesma folha, noutra local, dizia ainda:

vem:

“INTERROGATÓRIO — De Alagoas nos escrevem:

“Causou aqui geral sentimento a notícia da morte do alferes

Aníbal de Alencastre que por alguns dias foi nosso hóspede, conquistando a simpatia dos habitantes desta terra.

“Ontem foram interrogados pela autoridade competente os dois remeiros que o conduziam para Maceió. Depuseram ambos com a calma que só podem ter os inculpadados, pelo que se evidencia que o sinistro foi inteiramente casual. Graças a Deus devem dar os pobres homens por não terem sido também vítimas, o que não é admirável por serem eles pescadores de profissão e conhecerem bem todos os pontos da nossa lagoa.”

Eis aí, portanto, formada a opinião pública, falsa opinião, pois que apesar de ser dito isto em letra redonda, numa folha importante, andava ali o dedo do artimanhoso sr. dr. Benício.

Nestas notícias arrançadas adrede estava a incógnita que ninguém podia descobrir.

Só a ação tardia do tempo é capaz de pôr em relevo fatos estu-  
pendos envolvidos em circunstâncias misteriosas. O assassinato de Aníbal, se fosse real, estaria neste número.

O barão, tendo as notícias acima, deu uma das gargalhadas estúpidas de que ele tanto abusava. É incrível isto! Um homem ser humano que pensa e tem coração, mandar tirar a vida a um seu semelhante somente porque teve este o arrojo de propor-se seu genro!?

Concedemos que os precedentes desse indivíduo, ou a sua obscuridade não se compadescessem com essa pretensão, ou, ainda, que um capricho do barão, justificado mesmo, o levasse a não consentir na união conjugal de sua filha com tal homem; aconselhavam a razão e as boas práticas medidas rigorosas até, um assassinio — nunca! O caminho a seguir era muito diverso, porque nem mesmo o rigorismo faria desadorar o coração em que Aníbal erigira a ara santa de suas adorações.

E o barão não contente com a desgraça de que foi agente principal, ria-se da sorte do infeliz que julgava morto, atirando blasfêmias à sua memória.

Entretanto, acreditando que o fato estava consumado, o doutor Benício explorava a sua bolsa e tentava outros arranjos. É o caso:

Pelas 2 horas da tarde de um dia útil, num escritório, em Jaraguá, conversavam largamente o doutor Benício e o inglês Tompson. Este afagava a barba grisalha e com a nobre franqueza que caracteriza os homens sérios, informava ao doutor o estado dos negócios, os quais, dizia, corriam mal. O doutor ajeitava a conversação de modo a poder entrar no lance verdadeiro de suas maquinações.

— O país, dizia ele, passa atualmente por uma crise bem dolorosa. A lavoura definha, o comércio luta com as repetidas e fatais oscilações do câmbio, e as artes e indústrias irão à garra, se não forem tomadas providências muito sábias e proveitosas.

— O governo lembra-se do comércio somente para tributá-lo, sr. doutor. Eu terei neste ano lucros minguaadíssimos, o capital anda quase todo em empréstimos, e a safra é pequena; pelo que vejo se vai embora o capital de meu negócio e é preciso pôr em giro também o crédito.

— Se quer fazer comigo um negócio, que lhe será fácil, ganhará com ele alguns contos de réis. A menos que o senhor doutor esteja com vontade de galhofar...

— Não, senhor; falo seriamente.

— Pois bem, faremos já o tal negócio. Proponha-o vossa senhoria.

— O senhor quanto devia ao alferes Aníbal?

— Noventa contos de réis.

— Parece-me que deveu mais, sim?

— É verdade, porém ele mandou restituir de sua conta os vinte contos que ganhei ao major Sá.

— E se acaso alguém fizesse desaparecer os documentos que provam o resto da dívida, aceitaria o senhor um acordo pagando a metade ou a terça parte dela?

— Não!

— Não vejo melhor negócio do que, em vez de pagar noventa contos, pagar, por exemplo, trinta ditos.

— E o público, senhor doutor?

— O público nada saberá. Desde que os documentos vierem às suas mãos o senhor dar-lhes-á fim. Se quer combinar no que lhe digo, empenho minha palavra em como darei conta dos títulos passados pelo senhor Tompson ao alferes Aníbal.

O doutor falava com a desfaçatez de quem está avesado à prática de infâmias.

Tompson ficou vermelho como brasas, abaixou a vista e não pôde mais encarar semelhante homem. O seu pensamento concentrou-se numa só ideia — repelir a indignidade e dizer ao mundo quem era o doutor Benício, mas para isso eram necessárias as provas que ele não podia exhibir; a sociedade condena a quem quer que faça trapaças na sombra, sem indagar porventura a veracidade delas; a lei, a justiça não: querem provas, atestados irrecusáveis. Limitou-se, pois, o sr. Tompson a dizer que não aceitava o negócio. A família de Aníbal, se ele a tivesse, havia de aparecer, e no caso contrário entregaria o dinheiro a quem competisse e fosse de lei.

O doutor não esperava encontrar tanta honradez da parte desse estrangeiro com quem contava para ajudá-lo na prática de uma ação negra; e cheio de grande surpresa esteve por um momento tomado de certo remorso meditando, indeciso...

O negociante inglês levantou-se e passeou pela sala visivelmente perturbado, e, virando-se para o doutor Benício, encarou-o com altivez, franzindo o sobrolho. Estava indignado, e não era para menos. Cumpria desafrontar o seu caráter ilibado que aquele homem tentou manchar. Acenando energicamente com as mãos, bradou no auge do seu desapontamento:

— Combinar com V.S. neste negócio seria indigno de mim. Onde fica minha honradez?

Enquanto Tompson assim falava, o doutor fingia reparar para umas guias que estavam sobre a carteira, cinicamente, indiferente à indignação que provocara; a corrupção de que era capaz não tinha limites. Outro homem menos traquejado em tais vilezas coraria nessa triste ocasião; o doutor não.

Quando um homem digno, levado por deplorável fraqueza, comete erros, tenta, por exemplo, assassinar outro, sente a mão trêmula ao cravar o punhal, porém quando um facinoroso aponta ao peito da vítima tem a mão firme, o golpe seguro. A reincidência nos crimes bárbaros torna o homem feroz.

O doutor Benício não era um criminoso vulgar. Na perpetração de seus delitos entrava por muito a frieza do cálculo. Habitado a tudo tornara-se insensível aos sofrimentos do próximo, demasiadamente pirrônio. Podia dizer como o poeta português: — moralidade e honra é tudo pêta.

Passados alguns minutos, olhou para o inglês com certo desprezo, verificando se havia no rosto avermelhado do filho do velho país normando algum sinal que colaborasse com as palavras sublimes que ele pronunciara — a sua honradez. O repentino abaixar de vista de Tompson significava a vergonha causada pelo modo incerimonioso e fácil porque o doutor apresentara a proposta, mas ele não dera por isso.

Tompson prosseguiu:

— Que um sevandija qualquer se abalançasse a vir oferecer-me vantagens em negócio incompatível com a dignidade dos homens de brio — nada havia de admirar. Atiraria para longe de mim o infame! Porém um homem considerado de alta posição político-social —baixar-se ao nível dos tratantes?!... Não posso aceitar este negócio. O senhor doutor devia ser o primeiro a reconhecer que não devo manchar a reputação d'um moço tão digno, que tive a honra de conhecer em casa de sua senhoria. Ainda mesmo que estivesse

de todo arruinado, me seria impossível cometer tão grande vileza!

O doutor desta vez corou, não de vergonha que não a tinha, mas de cólera; não concedia que lhe expobassem sua maneira de proceder.

Daquele momento em diante o honrado senhor Tompson tinha pela frente esse terrível inimigo, cuja ferocidade nem de leve podia avaliar.

Os mais terríveis inimigos, não há dúvida, são os gratuitos, principalmente quando, à semelhança das panteras, não atacam senão de emboscada.

O doutor ouviu as palavras de Tompson e não retorquiou. Despediu-se dele e sem remorsos do que lhe acontecera, saiu com o passo lento dos indivíduos trapalhões e velhacos.

Cínico em regra, tinha as manhas da raposa da fábula. Não deu o mínimo indício da irascibilidade de seu caráter, mas jurou aos seus deuses vingar-se.

## VIII

# REVELAÇÃO IMPORTANTE

*O injusto sente prazer na sua infâmia porque a pena da maldade é a própria liberdade de praticar o mal.*  
*Platão*

Já dissemos ao leitor o estado em que se achava a cidade na época a que nos referimos, portanto deve achar ele muito natural a descrição que segue, inteiramente verdadeira.

Todos os terrenos compreendidos entre a antiga rua do Apolo (hoje Melo Moraes) e o largo da Cotinguiba (hoje praça das Princesas) inclusive eram um matagal. A rua do Hospital estava apenas em esboço. Daí para diante nada mais havia senão capoeira de murta, cajueiros, etc. Onde está edificado o cemitério público, à margem da estrada do Trapiche da Barra, existia uma casa na qual residira depois o célebre major Xavier — o mais terrível recrutador de que há memória nesta província de todos os militares que aqui aportaram incumbidos de tão improba tarefa.

Nessa estrada do Trapiche da Barra era perigoso o trânsito por causa de muitos ladrões, em sua maior parte soldados desertores e escravos fugidos.

Há aí quem se não lembre de um caboclo velho, cangalho, a quem os meninos apelidavam de — alma do outro mundo — alcunha de que ele tanto se zangava? Provinha esse apelido do seguinte fato que vamos narrar a propósito dos mistérios da estrada do Trapiche:

O indivíduo citado fora praça do exército e ao dar baixa usou de um meio de vida que lhe rendia menos trabalhosamente. Consistia em meter-se, à noite, num capote velho, munir-se de correntes, e outros objetos de tal jaez, indo esperar os transeuntes pelas imediações do lugar onde mais tarde foi o cemitério dos coléricos, vulgarmente chamado de — Maria Preta. Era ali o trânsito, como ainda hoje é, de pessoas que iam ao Pontal e Trapiche comprar peixe para revender na cidade. Ao passarem elas no dito lugar saia-lhes ao encontro um vulto encapotado, arrastando correntes e falando fanhoso. Os timoratos corriam e deixavam peixe, dinheiro e tudo quanto levavam. Alguém mais corajoso entendeu enfrentar um dia a “alma”, e o fez, desmascarando o caboclo que desde então ficou com o apelido sobredito.

Voltemos à nossa descrição.

A rua Voluntários da Pátria, antiga do Jogo, já existia, com a diferença de que não era espaçosa, como hoje: havia umas casinhas desiguais pelo centro. Houve numa delas uma taverna defronte da qual habitava, num pardieiro, gente suspeita. Era costume então os comandantes dos corpos de linha no louvável intuito de evitarem desordens, mandar vigiar os soldados, proibindo-lhes ajuntarem-se nas tavernas e nos alcouces principalmente nos dias de recebimento de soldo. Estamos em um desses dias.

O taverneiro da rua do Jogo sortira a “bodega” com esmero, porque, apesar da vigilância dos superiores, eram os soldados os seus melhores fregueses. Da rua do Jogo ao edifício do quartel é menos de 200 metros. Às sete horas da noite o asilo de pândegas fronteiro à taverna estava em festas. Um indivíduo de mau aspecto tocava baiano à viola, e uma mulher devassa, de cabelo penteado com trunfa, ajudava a cantar colcheias, fazendo dueto. Mais outro indivíduo, trepado num estrado, acompanhava o som da viola com o tic-tac produzido pelo contato da chave da porta na garrafa de

aguardente que ele de quando em vez entornava na boca.

Eram muitos os espectadores — soldados, paisanos e meretrizes. Um cabo de esquadra saracoteava no meio da casa, fazendo piruetas e levantando o pó do chão. Terminando a glosa o sujeito da viola parou; o da garrafa já muito embriagado, bradou:

— Viva o “cantadô”!

— Vivô!!... gritavam todos.

— Mandem vir mais dela, disse o cabo, abrindo a patrona e tirando de dentro algumas moedas de cobre.

Um dos espectadores tomou o dinheiro e saiu para a taverna.

O tocador a quem foi oferecida pelo ébrio uma xícara com aguardente, antes de sorver esta ofereceu ao cabo, e ele recusando, disse:

— Venha de lá!

O tocador virou a xícara na boca, engoliu o líquido alcoólico e abaixou a cabeça contraindo os grossos lábios. Ao levantar a vista presenciou uma troca de olhares furtivos entre a mulher de trunfa e o cabo de esquadra. O seu parceiro de orgia traía-o roubando-lhe o amor da “cantadeira”.

— Esta mulher me pertence, “seo” cabo Chicó, e de homem não se “cassôa”, disse o tocador dominado pelo ciúme.

— Ora, Toledo, deixa-te disso. Antes de aqui chegares já eu conhecia a Delfina.

Delfina, dando expansão a seu gênio trivial, cantava zombeteiramente a seguinte quadra:

“O amor que se despreza

Não se torna a procurar,

Chinelo qu’eu já calcei

No monturo pode andar.”

Ainda bem Delfina não acabava o verso, Chicó atirou-lhe uma tremenda bofetada, e ela foi ao chão. Nisto entra o indivíduo que fora comprar aguardente, gritando:

— A casa está cercada!

Toledo puxou da faca que trazia à cinta por baixo do paletó e cravou no peito de Chicó.

A patrulha invadiu a casa de sabre em punho Toledo pondo-se nas pontas dos pés bradou:

— Não me entrego! Matei o alferes, matei o cabo, e matarei o soldado que me puser a mão.

Os soldados avançaram e travou-se a luta. Depois de um massacre horrível, Toledo deixou-se prender. Dois soldados ficaram mortalmente feridos; o assassino semimorto. O sangue alagava o chão. A facada recebida pelo cabo Chicó acertara-lhe o coração; a morte fora repentina.

Conduzido o preso para a cadeia, fer-se vir uma padiola na qual levaram o cadáver da vítima de uma orgia fatal.

Os outros indivíduos presentes na ocasião evadiram-se todos, porque as praças concentrando suas forças na prisão de Toledo, deixaram fugir os seus apaniguados.

## IX

# RESSURREIÇÃO

*Morrer! oh! não! não vale a pena ter sofrido tanto para morrer agora...*

**S**e nos fosse possível dar as verdadeiras cores ao quadro que vamos ligeiramente esboçar, o leitor teria ocasião de apreciar o quanto foi tocante a cena passada nas trevas de uma noite tempestuosa quando Aníbal ao subir à canoa que o salvara reconheceu o velho de óculos; e não era para menos. Aníbal tinha visto o espectro da morte estender-lhe os braços hirtos, na escuridão das águas furiosas; devia, pois, sentir a doce consolação de quem estando moribundo, experimenta melhoras consideráveis e salva-se. A consolação e o prazer de Aníbal foram maiores ainda, dizemos. Nada há mais pavoroso do que a morte; os estertores d'um ser humano que expira dão a medida do quanto é horrível o momento supremo da transição. O moribundo já não pode sentir os horrores da tremenda passagem da vida ao aniquilamento. Quem jaz no leito da dor, sem esperanças da salvação, está resignado e a resignação é um alívio para os que sofrem. Contudo as fogueiras da inquisição eram mais terríveis do que é hoje a guilhotina.

Tendo corrido o risco iminente de morrer afogado, o pobre Aníbal viu-se alegremente satisfeito, quando se julgou livre de perigo. Sentou-se no fundo da canoa e ali deteve-se imóvel. O seu estado não permitia outra coisa. Tremia convulsivamente, os dentes ba-

tiam-lhe uns nos outros, e o frio penetrava-lhe até a medula.

Passadas as sensações dos primeiros momentos, repararam então os remeiros que estavam em frente à Bica da Pedra. (1)

Remaram com a máxima força e passaram com pressa esse lugar, pois tinham urgente necessidade de sair das trevas em que estavam mergulhados. Afinal chegaram em frente à ilha. Um trovão rugiu no espaço, e, mostrando a sua língua (2) desembestou das alturas incomensuráveis uma fâisca elétrica que, acertando na pedra, produziu um forte som metálico e foi sepultar no leito da lagoa. As águas elevavam-se, no lugar onde a fâisca se aprofundou, quase dois metros de altura, e ao caírem de novo em seu leito dir-se-ia o desabar do universo num abismo.

O choque que as águas sofreram, impeliu bruscamente a canoa, não obstante achar-se ela em distância considerável, e atirou-a em terras da ilha. Todos saltaram estupefatos. Um dos remeiros caiu sem sentidos e o major Sá pediu misericórdia. Depois dos vexames e contrariedades sobrevindas a momentos tão angustiosos os heróis dessa incruenta e estranha batalha fizeram a pé o resto da viagem até a casa do major Sá

No outro dia, Aníbal, que adormecera fatigado, acordou cedo em casa do velho de óculos. Foi então que pensou seriamente no que lhe sucedera na véspera; agradeceu ao major Sá a fineza de seus obséquios e a dedicação heroica que lhe havia dispensado.

— Se ontem tive o prazer de salvá-lo da morte, sobra razão ao senhor para me não agradecer, por isso que antes me salvou também de morte aliás acabrunhadora e penosa — a morte moral.

Dizendo estas palavras, o bom velho fez-lhe entrega da carta achada na “quimanga”. Anibal leu-a e conheceu a letra de Alcina. As lágrimas caíram-lhe das pálpebras em borbotões — compadecera-se mais da ingênua moça que sofria imerecidamente por sua causa do que de si próprio.

Quis seguir imediatamente para Maceió, porém o major Sá não consentiu.

— É bom que se demore, senhor Aníbal, disse o velho, com a calma de um homem prudente. Não acho bom que se exponha às aventuras de viagem tão arriscada, tendo inimigos que o desejam perder. Eu o acompanharei até Maceió.

Aníbal não insistiu. O velho procurou distrair o espírito do seu hóspede que devia estar profundamente preocupado com os inesperados acontecimentos. Era impossível desfazer assim depressa a má impressão de semelhantes fatos.

Aníbal esquecera-se de tudo, e até mesmo de que vivia. No quinto dia as exigências do estômago lembraram-lhe isso. A fome despertou-o. Nesse dia o major Sá recebeu jornais de Maceió e Aníbal leu a notícia de que já havia falecido!... Nada, porém, o perturbou. O seu caráter era este.

Nesse mesmo dia embarcaram Aníbal e o major Sá para Maceió. Durante a viagem nada sucedeu. Mas, logo ao chegar ao porto da Levada as pessoas que conheciam o alferes Aníbal foram-se admirando de vê-lo. E ele fizera-se aparentemente indiferente a tudo isto.

Saltou e dirigiu-se para a rua na direção do quartel. Os dias de sofrimento que passara em Santa Rita alteraram consideravelmente o seu físico. Magro e descorado parecia ter-se levantado do túmulo. Os amigos que encontrava, abraçavam-no com efusão. Aqui, ali, mais adiante, nas esquinas, nos becos, nas tavernas, nas lojas, formavam-se grupos para vê-lo passar. Alguns gaiatos chegavam a dizer em altas vozes — ressuscitou! Outros ficavam tagarelando a respeito. Cada qual expunha, como lhe parecia, sua opinião.

— É ele! dizia um.

— Não é! replicava outro.

— Se não é ele, é a sua alma.

E no meio do assombro de uns e do contentamento de outros Aníbal ganhava terreno até que chegou ao quartel. Aí não foi menor o espanto. O soldado que estava de sentinela admirou-se por tal forma que deixou de fazer a continência do estilo. O quartel era no mesmo edifício em que o é hoje. Ninguém ignora que esse prédio é uma obra que data do governo de Sebastião José de Mello Povoas, um dos primeiros governadores que teve esta província, quando foi separada da capitania de Pernambuco, em 1817. “A sua frente é hoje elegante: mas é sempre uma obra nova assentada sobre uma obra velha”. (3)

À porta do quartel o major Sá despediu-se de Aníbal, e este transpôs os umbrais do edifício, subindo incontinentemente para o estado-maior. Os seus colegas presentes receberam-no com pavor. Uns deixaram cair da mão a pena com que escreviam, outros levantaram-se e quiseram correr. O comandante sentiu fugir-lhe o sangue.

A inesperada aparição de Aníbal que todos tinham por morto, causou-lhes justo assombro. Depois que ele falou foi arrefecendo o medo e acercaram-se dele os amigos. Aníbal contou minuciosamente as peripécias por que passara, atribuindo tudo à embriaguez dos remeiros. Foi correto o seu procedimento. Quais as provas que podia apresentar em sua defesa e com-prometedores dos criminosos? A carta de Alcina? a carta por si só nada provava: era apenas um indício. Alegar a existência dela seria uma temeridade. Além disso, Aníbal morreria satisfeito ainda que tivesse a certeza de que a carta era a sua salvação. Comprometer Alcina ante a gravidade de uma denúncia não o faria ele jamais.

Entretanto a declaração de Toledo na ocasião em que fora preso, matei o alferes, causara sensação na cidade e era muito comentada por toda parte. Fizeram Aníbal sabedor desta ocorrência. Interrogado se sabia o nome dos remeiros, respondeu que contratara a viagem com José Maracanã e que este chamara por sua vez um fuão Toledo.

Toledo estava no cárcere e Maracanã — o ébrio — se evadira.

Nesta curta entrevista findou o pânico. Cada um tratou de seus afazeres e Aníbal retirou-se com parte de doente.

*(1) Há perto de Santa Rita, do lado oposto, uma fonte d'água que nasce ao pé da colina. Dista uns vinte metros de uma grande pedra que demora à margem da lagoa, daí o seu nome. Dizem que existiu nessa pedra uma inscrição atribuída aos holandeses quando em 1633 invadiram esta província. Os moradores próximos que ali aguçavam seus instrumentos de lavoura, extinguiram essa legenda.*

*(2) O relâmpago, língua do trovão, lambia as trevas. Victor Hugo. “Os operários do Mar”.*

*(3) Dr. Espíndola — Geografia Alagoana.*

## X

# COMPLICA-SE A SITUAÇÃO

*O coração de uma me apareceu vil e torpe, enquanto a alma da outra se mostrava nobre, elevada e rica de sensibilidade.*

*José de Alencar — Lucíola.*

São 8 horas da noite. Há visitas em casa do doutor Benício, e a conversação corre animada.

Alcina aí se acha. Desde que Aníbal reaparecera o barão fizera ela ir para a casa do doutor, com o sentido de fazê-la esquecer o oficial de linha na convivência da gente elegante que de ordinário frequentava essa casa fatal. A moça tem ainda a viveza de seus belos olhos azuis celestes e a cor mimosa das faces nacaradas; mas na sua fronte veem-se profundos vestígios de tristeza e melancolia.

Se não fora descermos a conjecturas de um sentimentalismo a que os espíritos fortes chamam — piegas, faríamos aqui a apoteose dos enleios ternos que envolviam a alma da donzela na sua angélica peregrinação no mundo das ilusões tristes. Mas deixamos aberta esta lacuna. Quem amou uma vez na vida com esse ardor que não se explica por simples desejo sensual, não precisa ter cingido a coroa do martírio para avaliar de quanto é capaz o coração apaixonado. As dores, diz um escritor, não se inventam; ou sofrem-se ou adivinham-se.

D. Theodomira, a esposa do doutor Benício, gozava de boa fama: era uma senhora digna e caridosa, e embora o doutor Benício fosse

um homem como vulgarmente se diz, mal casado, ela caprichava em não deixar o público entrar no conhecimento dos profundos desgostos que sofria. A alegria daquele lar era aparente. A mulher não sabia da vida do marido; ele não lhe participava coisa alguma. Raras vezes dormia em casa. Terminada a reunião dos amigos, saía quase sempre com o último que se retirava. Para onde ia, a mulher não sabia e não procurava saber. Ao doutor, porém, não faltava cousa alguma que dependesse, ou estivesse ao alcance dela. Nos momentos críticos tinha ele os afagos da carinhosa esposa e quando se via em apertos nunca lhe faltaram os bons conselhos desta. Também era só em tais ocasiões que o dr. lhe comunicava alguma coisa. Fora disto não.

Senhora importante, como dissemos, d. Theodomira não via inconveniente algum no casamento dos dois jovens. Vítima de um casamento por conveniência, obrigada a ligar-se a um homem a quem não amou, nem foi por ele amada, suportava as consequências de seu infeliz consórcio sem dar escândalos aos olhos do mundo. Seus deveres de esposa eram religiosamente cumpridos. Eis a razão principal porque a excelente senhora augurava bem o casamento de Alcina e Aníbal.

E ela falava com autoridade. Não se pode ser feliz quando as feridas abertas no coração durante uma vida inteira — não podem cicatrizar.

Vindo à discussão entre d. Theodomira e suas amigas a questão do casamento de Alcina, aquela manifestou-se favoravelmente, com uma franqueza que lhe fazia honra. O doutor não estava presente. Se estivesse, refutaria com a lógica de ferro de que usava essa opinião sensata. D. Theodomira, investivando o procedimento de Laura que motivou o rompimento do barão com Aníbal e as privações por que estava passando Alcina, exproboou a malícia requintada da caluniadora, chamando-a indigna, pois outro qualificativo

não podia ter para quem mentiu feiamente, manchando a reputação alheia. E a esposa do doutor falava assim sem saber por miúdo das conseqüências dessa graça, ignorava que o marido tomara a seu cargo a vingança estúpida do barão.

Alcina, porém, que estava de posse do segredo, que ouvira o plano de seu pai e do doutor, plano cuja execução em parte evitara, soluçava a um canto da sala, escondendo o rosto com o lenço.

Estavam as coisas neste pé, quando o doutor subiu acompanhado do barão.

Alcina levantou-se e entrou na alcova. Ao passarem para a sala o barão e o doutor, ela saiu pela porta que dava para o corredor e foi para o quarto que desde sua chegada lhe fora reservado.

Os recém-chegados cumprimentaram as pessoas que se achavam na sala e depois de pequena demora pediram licença e retiraram-se para o gabinete do doutor.

O gabinete era separado da sala de visitas pelo extenso salão que o leitor conhece por termos falado nele na descrição do baile. No gabinete, demoraram-se os dois malvados cerca de meia hora.

Alcina aproveitando o ensejo de estarem todos preocupados na sala, lembrou-se de observar a conversação do pai com o doutor. Neste propósito saiu devagarinho do quarto e foi para a sala de jantar. Daí atravessou o terraço, deixou os sapatos e somente de meias deu pelo corredor por onde Aníbal entrara para o quarto do jogo e pôde colocar-se em posição de ouvir alguma coisa.

O doutor Benício dizia:

— As ordens estão dadas. O cabo da guarda e toda ela estão comprados. Pela madrugada Toledo fugirá da prisão pelo arrombamento que já está feito. Não deve passar de hoje porque amanhã principia a formação da culpa e o homem pode comprometer-nos. Ficaré em sua casa até que possa dar cabo do diabo do alferes, apesar de que agora é mais difícil a empresa, pois me consta que ele sai

poucas vezes do quartel onde estabeleceu residência.

— E não há o que recear quanto à fuga?

— Nada, absolutamente.

— E os soldados saberão sair-se bem da alhada em que se vão meter?

— Nada de comentários, sr. barão, urge tomar as medidas que proponho!

— Pois bem, disse o barão, abrindo a carteira, eis aqui um conto de réis, pague aos soldados e recomende ao “seu” Toledo que vá em direitura para minha residência. Lá ninguém o irá buscar, e ele sairá apenas para vigiar o desgraçado que eu não descansarei enquanto não souber que levou-o o diabo. Cumprida que seja a sua missão Toledo irá para o engenho.

A voz do barão ao pronunciar estas palavras saía abafada como se os órgãos da respiração estivessem afetados. O rancor transformava as palavras do infame em grunhido de fera.

O doutor Benício tomou o dinheiro e guardou. Em seguida continuou:

— Não deve ficar aí este negócio. Para que este homem no seu engenho? Não há o que fiar nele; ama-se a traição e despreza-se o traidor.

— Nisto já pensei eu, porém é o mais fácil de resolver. Um belo dia manda-se Toledo cear também com Cristo...

— E o tal comparsa dele?

— Ambos serão enviados. Para esses últimos arranjos não precisa grandes preparativos. Eu mesmo arrumarei tudo.

Acabando de dizer isso, o barão levantou-se. Alcina correu nas pontas dos pés para o fundo da casa. Sempre corajosa não desanimou ainda. Foi ao seu quarto e, lançando mão de uma folha de papel, escreveu a denúncia do arrombamento da prisão. Por quem enviaria ao quartel essa denúncia? pensava a moça ansiosa e aflita.

Lucrecia era a única pessoa que lhe merecia inteira confiança.

Assentou no seguinte plano: Lucrecia chegaria pelas imediações do quartel, pagaria a um soldado para levar a carta a Aníbal com a condição de trazer ele a resposta. Quando o enviado quem quer que ele fosse desaparecesse no limiar da porta, Lucrecia fugiria.

Às 10 horas da noite a serva dedicada dirigia-se para o quartel de linha nesse sentido. Devemos observar ao leitor que neste tempo ainda não estava construída a cadeia pública, que só veio a ter começo em 1847 na presidência do dr. Felix Peixoto de Brito e Mello. O edifício do quartel servia de prisão civil.

Lucrecia aproximava-se da porta sem atender aos brados da sentinela que perguntava repetidas vezes:

— Quem vem lá?

Violando posto que inconscientemente a lei, a pobre escrava foi recolhida à prisão sem ter tempo para coisa alguma.

Uma pessoa experiente não praticaria a asneira. de mandar uma velha escrava levar cartas a desoras da noite numa prisão, onde não tem ingresso pessoa alguma. A denúncia sendo feita a qualquer autoridade policial produziria os efeitos necessários. Mas, se Alcina ignorava tudo isto, quanto mais Lucrecia? Uma deu ordens impossíveis, a outra quis cumpri-las. Veio mais essa circunstância pesar na balança dos infortúnios da heroína destas cenas.

Pelas 2 horas da madrugada Lucrecia ouviu os gritos de alarma dado pela sentinela, quando Toledo já tinha tempo de achar-se reunido ao seu companheiro de crimes em casa do barão.

No outro dia Lucrecia fora solta e em vez de ir para casa, o barão, ávido de saber o motivo que a levava à noite ao quartel, fê-la seguir amarrada para o engenho.

A notícia da fuga de Toledo agitou o ânimo público. A cidade inteira, vivamente interessada no desenlace deste drama, deu crédito ao boato de que havia gente poderosa empenhada em suplantar a verdade dos acontecimentos.

## XI

# UM ENGANO FATAL

*Quem semeia ventos, colhe tempestade.  
Prov. antigo.*

Mal pensava o barão de Piragé que o doutor Benício não se esforçava mais por dar cabo da missão de que se encarregara. Contrariado por não ter podido apossar-se de trinta ou quarenta contos de réis de Aníbal, o doutor cujo motivo principal de aceitar a incumbência era este, não dava mais um passo para que o moço inocente caísse nas mãos dos bárbaros mandatários desse horroroso crime.

O principal e o mais urgente negócio dele era vingar-se de Tompson. Era um grande inconveniente existir em Maceió uma pessoa importante e que tinha conhecimento de suas manhas. O inglês devia ter fim. A ocasião era oportuna. E o barão de Piragé que tanto tinha de malvado como de imbecil, pagaria as custas dessa falsidade de que ia ser também vítima.

A cidade inteira não se ocupava de outra coisa senão desses estupendos acontecimentos dos últimos dias. A fuga de Toledo não importava tanto pela morte do cabo; a magna questão, a que prendia todas as atenções, era a de verificar o significado das palavras do criminoso no ato da prisão. Muita gente indigitava o barão de Piragé como protetor do assassino, mas isto se falava baixinho.

O leitor achará inverossímil a nossa narração, se não tiver ciên-

cia do que é um homem sem dignidade nas condições do de que falamos. Um mandão de aldeia dispunha de poder absoluto, qual um czar da Rússia. Atenda a que Maceió há pouco deixara de ser uma aldeia e num país novo como o nosso. E ninguém nos fale em civilização, porque ainda hoje, não obstante o progresso a que temos atingido e a adoção de boas leis, no interior das províncias repetem-se constantemente cenas de canibalismo.

No dia seguinte à fuga de Toledo o doutor Benício conferenciara com ele n'água furtada da casa do barão, em cujo recinto levamos o leitor na ocasião em que Alcina rezava. Aquela atmosfera que ela purificara com o perfume de sua inocência, transformara-se em jaula de feras humanas, ou esconderijos de criminosos.

Em vez de insinuar planos para o segundo assalto que o barão pretendia dar ao alferes Aníbal, o doutor instruiu o assassino para matar Tompson, tendo o cuidado de recomendar que o barão devia ignorar esta última resolução.

O delito ia ser cometido nessa mesma noite, inevitavelmente, pois não tendo Tompson prevenções contra ninguém tornava-se fácil encontrá-lo a qualquer hora e meter-lhe uma bala no costado.

Disposto isto em ordem, o doutor quis fazer ainda uma última tentativa. Admiremos agora a inqualificável pouca vergonha deste miserável que reincidia no crime de corromper um bellissimo caráter.

Foi pela segunda vez à casa de Tompson, e este vendo o cinismo com que procurava ele o aviltar, intimou-o para que se retirasse. Seriam 8 horas da noite. O dr. pegou do chapéu e saiu.

Dez passos adiante caiu por terra. Um tiro partido do lado do mar ferira-o gravemente.

Após a detonação, Tompson chegando à janela ouviu o assassino dizer:

— Perdoe camarada, não era para o senhor!

O doutor Benício não calculava que Toledo já estivesse tão cedo em campo; mas o assassino era ousado e confiava na sua escandalosa proteção. Não temia, pois, sair àquela hora. Fora ele quem desfechara o tiro inteiramente enganado.

Gravemente ferido o doutor caíra por terra. Os transeuntes acercaram-se dele. A carga empregara-se toda na parte superior do braço esquerdo fraturando-o.

Depois que Toledo atirara reconheceu que fora o doutor Benício e não Tompson a sua vítima. Faltou-lhe então o sangue frio que sempre ostentava tais ocasiões, e foi recolher-se ao seu asilo.

A agitação do povo nessa noite foi imensa; a multidão desfilava pelas ruas e como se fosse uma vaga a quebrar-se na praia dispersava sob a pressão das truánices de beleguins policiais.

O barão de Piragé, um pouco incomodado, fechara-se cedo nos seus aposentos. Toledo aproveitando esta circunstância, e receando que o doutor no caso de escapar não perdoasse o erro de que se acusava, certo ainda de que estavam no sobrado o barão, ele e seu companheiro Maracanã, dispôs-se a deixar a casa de seu protetor e escapar-se para longe. Fugir era fácil. Por entre o povo e a polícia os assassinos transitam com liberdade, porque, como diz um escritor, nunca se está mais isolado do que entre as multidões.

Combinado um plano de assalto entre Toledo e Maracanã resolveram não amanhecer o dia seguinte em casa do barão de Piragé.

Não tardou que o barão fosse avisado do acontecido ao seu “bom amigo”. Surpreendido com esta notícia aterradora, deu-se ele pressa em sair, tendo antes o cuidado de prevenir os malfeitores de que nessa noite era inconveniente se porem em campo em vista da atividade policial.

Tudo concorria, pois, para que os malvados ficassem em completa liberdade de proceder. Era provável que o barão passasse a noite velando à cabeceira do doente e mesmo quando voltasse não

o faria em horas que impedissem o desempenho do que estava assentado.

No dia seguinte ao destes acontecimentos uma outra notícia de perniciosos efeitos veio assaltar os ânimos. A residência do barão fora varejada na noite anterior por ladrões que lhe roubaram uma soma considerável. Entretanto, não apareciam vestígios de arrombamento senão no cofre de ferro em que estava o dinheiro.

O barão devia queixar-se de ter sido ele próprio o fator desta ruína; mas o perverso titular atribuiu a sua desgraça ao moço cuja vida queria tirar. Por igual o doutor Benício — lastimando a sua desdita, disse uma vez ao barão:

— Tenho a certeza de que a origem do que me sucedeu é esse negócio em que de sua parte me empenhei

É que os maus por si se destroem. O laço que o doutor armara para Tompson servira para si próprio; aos malvados que o barão acoitava com o fim de matar Aníbal apoderaram-se de parte de seus haveres e fugiram. Até aí foi bem executada a lei das compensações.

Tornava-se preciso dar saída a essas coisas. O barão ignorava quem fora o ofensor do doutor Benício, e o doutor não sabia quem foram os ladrões que roubaram o barão, porque este, atendendo ao mau estado de saúde do seu mentor, ocultara-lhe essa infidelidade dos tratantes com quem ambos privavam. Em tais condições, o que fazer? O barão, na impossibilidade de resolver, esperava que o doutor Benício melhorasse para tomarem juntos providências adequadas.

E enquanto o doutor jazia no leito, pois fizera amputação do braço, a polícia prendia ilegalmente os cidadãos pacíficos e torturava-os para descobrir um crime de que ninguém tinha culpa, aliás o paciente era o único responsável.

Despeitado com o barão, o doutor fazia escrever para a corte, narrando o estado anárquico da capital da província e apontando

como uma das mais saltares medidas a mudança dos batalhões aqui estacionados. Prestava o doutor com esse procedimento um serviço ao alferes Aníbal, mas desagradável ao barão de Piragé.

Principiava entre os dois algozes da inocência uma desinteligência que seria a ambos fatal. Soara talvez o momento da expiação.

## XII

# CENAS DE ESCRAVIDÃO

..... à escravidão,  
*Essa página da história que se não pode arrancar;*

.....  
.....  
*Embora por cima dela  
Cem vezes rolasse o mar!*

*Luiz Delfino — A Filha d’Africa,*

São hoje muito conhecidas no país as crueldades sofridas no interior das fazendas pelos infelizes escravizados; o movimento abolicionista, essa reação que se vai operando, apesar mesmo dos esforços ingentes dos negreiros para a suplantar, encarregou-se de vulgarizar o que de mais desumano se levava a efeito, sem haver alívio aos males de uma raça infeliz e proscrita.

Desde que um homem era propriedade de outro homem deixava de ser pessoa, em face da lei era apenas coisa. E se podemos dispor como nos aprouver do que é nosso, era justo que os proprietários de escravos usassem livremente de sua mercadoria. Hoje diz-se, felizmente, na imprensa ou na tribuna: a escravidão é um crime! Naquele tempo criminoso seria quem tal dissesse.

O leitor sabe o que é um engenho de fabricar açúcar? Deve sabê-lo. Nós o levaremos pois ao do senhor barão de Piragé. É no município de Atalaia, vila central e a quarta da província em antiguidade.

Foi criada entre os anos de 1762 e 1765. Tira ela o seu nome etimológico da posição de um destacamento de soldados que o governador de Pernambuco mandou aí estacionar de atalaia à república dos Palmares, e ainda depois da dissolução desta. (1)

E situada ao pé da colina onde acampava o dito destacamento. Do cimo da ladeira aprecia-se um delicioso panorama. Veem-se ao longe, como dois pontos negros no espaço, as eminências mais salientes da serra Dois Irmãos. Atravessando-se a vila e seguindo-se por um terreno coberto de relva à margem esquerda do Paraíba se vai ter depois de meia hora de viagem ao engenho, que então era uma das mais celebradas propriedades rurais da província.

O engenho está moendo, mas o seu aspecto geral contrasta com a fama de que goza. É certo que apresenta o produto do trabalho forçado de oito ou dez dezenas de escravos, porém eles — os pobres abandonados da sorte — sucumbem ao peso das mais horríveis privações.

O barão confiou a administração da fazenda a um feitor que é mil vezes mais terrível que o famigerado amo. Os escravos trabalham todos sob as vistas do feroz homem que de látigo em punho vai fustigando aqueles que se demoram, vencidos pelo cansaço, abatidos pela fome, aniquilados pelo sono!

A uns trezentos metros da casa da fábrica há um telheiro sob o qual existe o tronco onde se prendem os escravos condenados a açoites. Ao pé desse tronco jaz sobre uma tábua, que fora porta de um cubículo da senzala, o cadáver de uma mulata velha, vítima do mais terrível suplicio inventado pelo escravismo — as novenas!

Ao lado desse cadáver ainda quente, mas já apodrecido, um preto, também velho, soluça como uma criança à espera de que chegue o companheiro que já vem em caminho, para o ajudar a levar ao lugar do enterramento o corpo da pobre velha que acabara de expirar.

O negro velho que chora tem ao pescoço uma argola de ferro, que o impede de abaixar a cabeça e por trás da cabeça eleva-se de

dita argola uma ponta delgada, cuja extremidade superior tem preso um chocalho. Esse desventurado era irmão da infeliz morta e como ela servia ao barão há muitos anos. As lágrimas que então derramava exprimiam o justo sentimento de ver a sua pobre irmã vitimada pelo rancor e perversidade sem nome de tão desumano senhor.

O outro escravo que se aproxima mal pode arrastar-se. Tem um enorme grilhão aos pés, e o modo por que anda denuncia o horrível estado das nádegas que estão em carne viva. Se havia castigo para tais crimes, onde o lugar da expiação?

Esses dois escravos assim martirizados foram tirados pelo feitor, já que estavam fora do trabalho para dar sepultura ao cadáver. Este cadáver era o de Lucrecia. A sua dedicação à “sinhazinha” valera-lhe aquele suplício atroz; a novena levou-a ao túmulo.

Quer o leitor saber o que era a novena?

O escravo que incorria no desagrado de seu senhor era amarrado à mesa de um carro de bois, virado de bruços, com as costas nuas e açoitado durante nove dias consecutivos.

Um homem ou mulher no vigor da mocidade e robusto, ainda podia sobreviver ao martírio, menos Lucrecia sexagenária e assistida de achaques que a velhice acarreta.

No primeiro dia do açoite a pele enrugada da paciente entumeceu, conservando os sinais do relho em sulcos profundos abertos na epiderme; no segundo as sevícias produziram escoriações, e do terceiro em diante o chicote arrancava as carnes podres! Depois da carnificina aplicava-se água de sal sobre as feridas. A vítima dava gritos horríveis, porém inúteis! Daquela agonia imensa ninguém ali a podia tirar.

A um corpo velho era impossível resistir às agruras de tão acerbo padecer. No sétimo dia Lucrecia expirou. Os estertores dessa morte angustiosa deviam ter sido uma maldição ao mundo. O corpo ali estava exânime, tinha os olhos desmesuradamente abertos, os

dentes arreganhados, pois já não tinha lábios para cobri-los.

O fato era comum na fazenda, por isso não causou a menor sensação.

Torturada até o extremo Lucrecia foi de uma fidelidade em nada comum. A sua morte foi apenas mais um crime dos muitos que pesavam sobre os ombros do barão de Piragé, cujo nome célebre estava ligado a muitos crimes dessa natureza.

Desse miserável proceder tinha ele a fama pouco invejável. E se continuava a fazer proezas, levando de vencida a tudo e a todos, era menos admirável o seu instinto feroz do que a tibieza e imperdoável frouxidão de muitos que o toleravam por medo; de junto, o espírito pequenino de outros deixando-se corromper, atenuava o conceito austero que a opinião fazia dos atos desse malvado.

Admitindo o princípio de que o barão se tornava mau por ser mal aconselhado, mesmo assim não estava ele desculpado, porque no seu engenho se não executavam outras ordens que não as suas. Entretanto, repetiam-se lá diariamente os atos de canibalismo.

À pessoa que fosse encontrada chupando uma cana arrancava-se-lhe um dente; o povo em geral evitava passar na fazenda do barão.

Certo da impunidade de seus abusos e absurdos ostentava cinicamente o que fazia e propalava o que intencionava fazer.

A pobre Lucrecia pagou bem caro os bons serviços prestados durante um longo cativeiro, e Alcina havia de receber com um indizível pesar a notícia de sua morte.

Quando o barão recebeu a notícia da morte de Lucrecia, pronunciou estas palavras:

— Ora, já estava muito velha...

(1) *Geografia Alagoana.*

**FIM DA PRIMEIRA PARTE.**

# A FILHA DO BARÃO

## SEGUNDA PARTE

### CASAMENTO E MORTALHA NO CÉU SE TALHA

# I

## CONTRASTE

*Há mulheres, raríssimas, sim, que receberam do céu o condão de enobrecerem e fecundarem tudo quanto se lhes aproxima; dessas, até a dor que possam causar-nos é abençoada.*

*Outras, ao contrário, e sempre em maior número, têm a funesta propriedade das águas, de petrificarem tudo quanto se deposita no seu seio.*

*Julio Sandeau — Madalena*

**A**té aqui temos falado da endiabrada moça que motivara esses acontecimentos fatais para a filha do barão, isto é, da formosa Laura, sem dizermos quem ela era, ou a que família pertencia.

Um tio velho do doutor Benício criara-a como filha, e bem pouca gente sabia que ela de fato não o era, mas a verdade é que Laura fora enjeitada à porta desse velho que por sua morte legou-lhe boa parte da respectiva fortuna. Por esse motivo o doutor Benício a protegia e tolerava as travessuras dessa morena que tanto tinha de formosa como de má e insuportável.

Ainda bem.

Sabe o leitor que Alcina há muito reside em casa do doutor Benício e que a esposa deste, d. Theodomira, consagra especial amizade à jovial filha do barão, ao passo que detesta a fictícia prima do marido. Razão de sobra tinha ela, pois é de todo ponto aceitável que se despreze o mau para abraçar o que é bom.

Laura, que de há muito suspeitava isto mesmo, vindo para a casa do doutor, por ocasião da doença deste, entendeu urdir uma secreta intriga entre Alcina e d. Theodomira, intriga que teria vingado se as duas amigas não conhecessem a fundo o caráter de tais bisbilhotices. E vendo a intrigante que seus esforços não produziriam o desejado efeito, interessou também nesse aranzel o desalmado doutor Benício.

Apoderada, por isso, de um certo desgosto, Alcina instou com o pai para que a retirasse da casa do doutor, e o barão, cujas relações com o especial amigo estavam um pouco frias, apressou-se em fazer o pedido da filha.

Tanto bastou para que o doutor Benício se revoltasse contra d. Theodomira, rompesse de vez com o barão de Piragé e, ainda em convalescença, praticasse os maiores absurdos.

Laura ajudou-o nessa tarefa indigna, levantando contra d. Theodomira uma campanha de injúrias e calúnias revoltantes. O doutor Benício dispôs-se a vencer pelo terror e pelas ameaças a grandeza d'alma da excelente mulher de cuja bondade tanto abusava.

Dia a dia essa tendência do doutor Benício para levar a mulher ao desespero ia tornando-se mais acentuada. Ele já não trocava com ela a mínima palavra, e até pedia-lhe que lhe não aparecesse.

— Não quero vê-la! Era esta a expressão satânica, estúpida manifestação d'um ódio injustificável. com que o doutor recebia sua mulher nas ocasiões em que ela, escrava dos seus deveres de esposa amável e carinhosa que sempre foi, aproximava-se dele.

Ao desgosto extremo, sobreveio muito naturalmente a agitação do espírito, e d. Theodomira deixou correr à revelia o serviço doméstico. Isto bastou para que Laura entrasse na posse de seus domínios, ficando d. Theodomira reduzida à posição menos cômoda de sua criada grave. E ainda assim o doutor recrudescia de ódio e furor. Descomposturas tremendas e acintes grosseiros tudo envidava ao

sentido de desadorar a inofensiva criatura, que entretanto sofria dando mostras bem visíveis da mais santa resignação. A sua vida jamais adoçada pelas delícias que soem gozar as esposas felizes, tornara-se uma perene fonte de padecer.

Outra mulher não sofreria tão resignada esses horrores, porque, além de não suportar o seu coração o peso de tantos ludíbrios, acertaria logo a causa verdadeira por que estava sofrendo.

A concupiscência de que o doutor Benício era dotado acendeu no peito do malvado uma paixão desesperada pela menina Laura, e ele, dando largas aos desejos veementes que a lascívia desperta, esqueceu os deveres santos de homem casado, fechou os olhos à sociedade, e atirou-se ao charco das podridões com o juramento feito perante o altar, manchando as vestes purpurinas do lar doméstico.

D. Theodomira nem de leve suspeitara, e somente tarde, quando já não havia remédio, nem para si e nem para a infeliz que a fizera tragar as fezes amargas da desgraça, encontrou ela um pobre mirrante, horrivelmente acidolado e oculto para um canto.

Este fato se dera alguns meses depois que Alcina ausentou-se e por ele verá o leitor quanto foi longo o sofrimento de d. Theodomira, pois só então resolveu ela fazer a sua economia à parte.

\*\*\*

Falemos agora um pouco de Alcina que se acha em Atalaia, lá mesmo onde morrera Lucrecia, na solidão tristonha de moça que ama e que sofre por causa desse amor.

O seu belo caráter continua inalterável. As pessoas pobres que residiam pelas imediações da fazenda de seu pai recorriam a ela em todas as suas grandes precisões e jamais deixaram de ser atendidas, e bem servidas. E a população inteira exaltava cheia de gratidão as virtudes e o prestígio da boa moça.

Alcina não se entregara à inação em que de ordinário vivem as moças de sua posição. Nas horas de ócio ocupava-se em escrever, e

bem dignas de publicidade que eram as suas produções.

Repassadas de um sentimento nobre e generoso traduziam o quanto ia em sua alma entristecida. Abramos cuidadosamente o seu álbum e apreciemos uma de suas páginas íntimas.

Ei-la:

“O dia amanhecera esplêndido!

Quando o sol despontou no horizonte os seus raios fulgurantes dissiparam o denso nevoeiro que envolvia as serras, como se fora uma espessa nuvem de fumo.

Da várzea próximo ouvia-se ressoar uma voz sonora entoando doce canção.

Aquele canto inocente era o hino do trabalho; era uma terna expressão do prazer que domina o coração do pobre roceiro, esse homem rústico que, contemplando o azul dos espaços, reconhece a grandeza de um Deus infinitamente bom, que lhe prodigaliza os bens de que goza na terra.

Além, ouvia-se grande murmúrio; eram as águas do caudaloso Paraíba que na precipitação de sua carreira impetuosa, batiam em cheio sobre as pedras sepultadas no seu leito.

Os pássaros enviavam ao céu os seus cânticos maviosos.

Tudo era poesia!

No meu semblante, porém desenhavam-se os sinais característicos de um abatimento cruel?

Quais eram as causas de semelhante acabrunhamento?

— !!...

Eu bem vejo, bem pressinto,

Esta ofuscante beleza,

Admiro tais prodígios

Tanto trabalho e riqueza.

O carneirinho a balar,

O touro urrando na serra,

E na roça o - lavrador  
Contente cavando a terra.  
Mas, se no canto das aves  
Não acho consolação,  
É que nas chamas do amor  
Se abrasa meu coração.  
Quereis saber por quem são  
Os meus gemidos de dor?  
Perguntai às virações,  
Indagai do beija-flor.

Indiferente ao quadro deslumbrante que se desenrolava aos meus olhos, pensava nas minhas aventuras de outrora; avivava ao pensamento gratas recordações do passado e uma lágrima sentida sobre minha face pálida se deslisava.

Como achar consolação nas belezas da natureza um coração que já não sente o vibrar das cordas sensíveis que o faziam amar?

Amar é viver, disse-o alguém.

Desde o momento em que sentimos emurchecerem as nossas esperanças deixamos por assim dizer de existir. Sim, porque na mocidade só temos uma perspectiva: é a paixão amorosa que desabrocha de nosso peito com a volutuosidade da rosa ao desabrochar de seu cálice.

Quando a rosa perde o perfume e a beleza deve estimar que o vento a venha desfolhar; e quando a mulher ainda moça vê fugirem as suas esperanças deve cair inerte na tumba.

Nesse caso ambas são infelizes — mulher e flor.

Nada, porém, de meios termos: ou amar, pois que o amor é a vida, ou morrer.

E eu levantava os olhos ao céu e enviava-lhe uma prece bendita. É que ainda nutria esperança de gozar doces ilusões.

Era um sonho esse desejo. porque ao infeliz mortal que procura

nessas paragens alívio a seus padecimentos morais uma ideia apenas lhe esvoaça no pensamento — morrer!

Sonha com o espectro horrível da morte e, nas enleavações de sua alma, observa o mocho agoureiro que, a par dos pirilampos, vaga à noite nos cemitérios. indo asilar-se pelo dia na cavidade das catacumbas. Porém... ainda há muito que esperar quando na ampuheta do tempo se conta apenas quinze anos de existência.

Eu morrerei satisfeita se ainda uma vez na vida sentir o doce amplexo que me pode trazer a consolação.”

.....

Pelo que o leitor acaba de apreciar pode-se muito bem avaliar o estado do espírito da filha do barão absorto todo na contemplação de um passado, cujas recordações faziam-lhe derramar lágrimas. Entretanto não era sabedora do que de verdade havia nos últimos acontecimentos para ela tão fatais; mas em vista de fatos anteriores tirava a ilação de tudo, e vacilava, na incerteza do que sucedera a Lucrécia e a Aníbal.

O barão contara-lhe a seu modo a morte da velha, mas podia Alcina dar crédito à palavra de quem mais de uma vez lhe faltava à verdade?

— Não!

## II

### D. THEODOMIRA

*Não se traz uma coroa de estrelas na frente, sem se ter  
outra de espinhos no coração.  
E. Castellar.*

**A** lagoas! Bela e pitoresca cidade que descansa à margem sul da lagoa Manguaba sete léguas distante da capital.

O leitor já viajou em canoa para aquela cidade, sim? No caso afirmativo deve saber o quanto é agradável, às vezes, semelhante digressão. Decerto, quando as canoas, pequenos e os mais usados meios de transporte entre esta e aquela cidade, sulcando as águas da majestosa lagoa, volteiam os círculos que esta descreve em torno da colina, o viajante descobre novos horizontes e, sempre ávido de apreciar as belezas naturais do quadro majestoso que se desenvolve a seus olhos, encontra e observa esplêndidas paisagens.

As aves aquáticas saltitam pela folhagem viçosa, espreitando os crustáceos para lhes dar caça; e no meio do lago grupos de pescadores, armados com suas redes de fundo, se apressam em cercar a porção d'água onde a experiência adquirida na prática dessa profissão arriscada e proveitosa, indica passar na ocasião um cardume de peixes.

Todo esse conjunto de belezas, pois tudo isso não deixa de ser belo para quem observa por simples distração, constituía antigamente o divertimento único de viagem tão morosa.

Hoje a navegação é feita por vapor. Dança-se e conversa-se, come-se e bebe-se a bordo, ou aposta-se alguns bilhetes do tesouro à mesa do jogo. Admira-se as obras colossais do canal da Ilha do Porto em que, juntamente com as do dique da Siriba, quatro engenheiros brasileiros, quais outros Lesseps, estiveram em risco de ver a massa encefálica rachar-lhes a caixa craniana tanto pensaram na realização do momentoso e aliás malogrado cometimento! E depois de duas horas de viagem avista-se as torres empretecidas do convento de S. Francisco, que estende seus muros seculares ao longo da margem da lagoa, numa distância considerável.

Então divisa-se a matriz, soberbo templo construído no princípio deste século; o rosário, notável por sua antiguidade, é uma poética casaria que se estende por aí além a perder de vista.

Ia-nos esquecendo do convento do Carmo que a ação destruidora do tempo tem abatido exteriormente, tentando derrubar.

Contemplando essas preciosidades históricas, que jazem em completo abandono, o espectador sente um não sei que indizível que o leva às regiões ignotas, e avivam-se-lhe no espírito lendas fantásticas em que os duendes entram como protagonistas. Porém, quem sabe dar o devido valor a tais fantasias vê apenas o resultado da falta de vida, e de atividade, condenadas assim essas velharias — atestados de um tempo de labores e de trabalhos assíduos — ao aniquilamento e à ruína...

Incendiada pelos holandeses no século dezessete, acumularam seus filhos durante muito tempo o produto do trabalho, reconstruíram de novo os seus penates, até que em 1839, Maceió — sua rival — colocada a cavaleiro do oceano, roubou-lhe a glória de sede do governo provincial.

Pátria de heróis, conserva ainda hoje a planície denominada — Campo de Honra — verdejante campina, onde, apreciando os exercícios das tropas, tomaram gosto pelas armas os irmãos FONSECAS,

alagoanos distintos que honram sua província, e o país, como generais do exército.

Berço de sábios, tem visto, com orgulho, muitos de seus filhos elevados a alturas onde só chegam os privilegiados do talento!

Foi ali, pois, que d. Theodomira resolveu ir morar, separando-se do marido, fato que pôs em dúvida a sua reputação, deu lugar à formação de juízos temerários e prendeu a atenção do povo por muitos dias. E somente quando a verdade, por impossível que era de ficar oculta, chegou à notícia de todos, teve d. Theodomira o prasma da opinião pública que eleva ou abate os indivíduos.

É certo que um fato semelhante, pesando gravemente na balança onde se afere a culpabilidade de quem o motivou, é uma flecha envenenada que fere de morte a sociedade, escandalizando-a de todo, se o desastroso acontecimento teve por advento inconfessáveis infrações das leis sociais.

No caso em questão é nosso parecer que o doutor Benício delinuiu bastante para que a sua esposa, que sofreu resignada, sem fazer queixas, ocultando antes o seu descontentamento, deliberasse fugir dele, indo viver honestamente para um canto do mundo.

Em Alagoas fez ela aquisição de uma linda casinha e foi cultivar flores e legumes — ocupação de seu agrado.

No saudoso adeus que disse ao mundo elegante do qual há muito se afastara, deixou ir o que de luxo ou vaidade por amor das boas práticas conservou em tempos mais lisonjeiros.

Os brilhantes, as pérolas e as sedas já lhe não iam bem. Bastava-lhe que os objetos de seu uso estivessem nos limites da decência.

Respirando o perfume das rosas e das flores aveludadas do manacá, sentia-se mais feliz e satisfeita do que outrora nas salas de baile fingindo um contentamento que não tinha.

### III

## DOIS CASOS FATAIS

*Os poderosos, que abusam do poder contra os fracos e oprimidos, serão poderosamente atormentados.  
Lamenais.*

**T**erminada embora a revolução de 1844, nos anos seguintes a ordem pública foi por vezes alterada em consequência de fatos mais ou menos importantes.

O assassinio do infeliz vigário da Palmeira, José Caetano de Moraes, levou seus filhos, Manoel de Moraes e José de Moraes, a praticarem, em represália, os maiores absurdos, como assassinios, incêndios e tropelias de toda ordem em diversas localidades da província. Foi um período de terror! Esses dois terríveis celerados, perdendo a confiança na justiça pública e vendo ficar impune esse delito monstruoso, lançaram mão do bacamarte homicida e procuraram no direito da força a punição que não encontraram na força do direito!

Cidadãos importantes pagaram com a vida a desídia do poder público, e quando o governo reagiu contra os facinorosos foi-lhe trabalhosa a empresa. Afinal venceu, e um dos irmãos Moraes, o mais terrível deles, sitiado nas matas, foi preso pela tropa na ocasião em que assava uma cobra para comer!

Apareceu também, depois, a denúncia ao presidente da província, por ocasião de uma visita que fez ele à cadeia, de que os presos

existentes, incitados por alguém, tentavam fugir e tomar de assalto o teatro em noite de espetáculo, matar todas as autoridades e em seguida anarquizar a cidade.

Esta conspiração, se bem que julgada por muitos simples farsa, inventada com fins políticos, foi tomada em consideração pelo governo, que perseguiu indivíduos altamente colocados.

Nestas circunstâncias, o desânimo lavrou fundo no espírito público; o pânico foi geral.

Tompson liquidou sua casa comercial e seguiu para a corte. Por uma coincidência singular no mesmo navio em que tomou ele passagem, embarcou também o alferes Aníbal — em obediência à ordem do governo que o mandou recolher à corte.

Chegados ao Rio de Janeiro, Tompson estabeleceu-se na praça e Aníbal foi logo mandado reunir às forças legais que no Rio Grande do Sul, sob o mando do então barão de Caxias, acabava de conseguir a pacificação dessa província que há muitos anos, inspirada de sentimentos patrióticos, debatia-se nas garras de uma deplorável guerra civil.

O doutor Benício, — O Maneta — como foi cognominado, vendo-se livre da mulher, que deixou largo campo às suas depravações, e liberdade de gozar nos braços da inditosa Laura os prazeres e gozos de união tão ilícita, julgou-se talvez no paraíso: aconteceu-lhe, porém, ao contrário.

Não tardou que o fato determinante da separação de sua mulher passasse ao domínio público com todo seu imenso cortejo de horrores, e a opinião, ciente da longa série de circunstâncias agravantes, deu sobeja razão à virtuosa senhora.

Os ladrões e perversos que vivem dia e noite procurando a quem fazer mal, ficam sempre bem enquanto se não descobre alguma de suas façanhas; ao momento, porém, em que vem a público qualquer delas desencantam-se todas as outras. Aconteceu isto mesmo com o doutor Benício.

Até ali havia sido ele honrado e honesto... daquele dia em diante — não. As famílias fecharam-lhe as portas; os seus constituintes sentiram-se traídos e lesados; o comércio caloteado, os amigos ilaqueados em sua boa-fé!

O Maneta estava perdido! Desgraçadamente sobreveio-lhe esta contingência e com ela a miséria bateu-lhe à porta! E ele isolado, sem amigos, perseguido da justiça, amaldiçoado de famílias pobres em cujo seio plantara a desonra, chegou ao extremo do desespero!

Sem coragem para lutar e sofrer, valeu-se do recurso dos pusilânimes!

Um belo dia amanhecera pendurado na sacada do sobrado por uma corda, tendo a língua negra e toda fora da boca!

Suicidou-se! Na carta que deixou sobre a mesa, o Maneta pedia perdão a d. Theodomira! E entre outras banalidades, acrescentava:

“Faltou-me ânimo para ir, de joelhos, cair aos teus pés! Bem sei, minha boa Theodomira, que apesar das minhas ingratidões, e dos meus crimes, o teu coração ainda guarda saudades dos nossos dias felizes. Mas... Oh! Que digo eu? Acaso foste alguma vez feliz em minha companhia?! Perdoa-me, santa mulher, e pede por mim ao Senhor. Vou suicidar-me.”

O doutor Benício foi enterrado fora do sagrado e a sua memória ficou tristemente perpetuada.

O barão de Piragé, que há muito andava triste e contrariado, sem que ninguém adivinhasse o motivo de tal mudança em seu modo de vida, quando soube da notícia da morte do Maneta, riu-se... riu-se... Depois cantou. Estava louco.

Dependente como vivia ele do doutor Benício mais de uma vez sacrificara a sua fortuna às exigências deste, e foi por isso que, além de quantias relativamente pequenas, devia a prazo por endosso de letras e outras obrigações, a importância de quatrocentos contos de réis!

Isto para quem despendia dinheiro às mãos cheias devia causar

grande abalo e realmente trouxe-lhe a ruina.

Os credores tomaram conta da fazenda e mais propriedades do barão, e ele, por obsequiosidade de um amigo sincero, foi ter ao asilo de alienados, na Bahia. Alcina ficou em pobreza, amparada por algumas amigas.

Tratemos agora de Laura.

O Maneta fez a infelicidade desta menina, e a coitadinha que era uma estouvada a quem os anos dariam juízo e a tornariam — quem sabe? — uma excelente mãe de família, derreou-se pelos confins da depravação, afundou-se nos terrores da mais absurda morte moral, e, depois de muito correr, tendo envelhecido depressa na dissolução de costumes, teve um momento lúcido na loucura que a dominava, olhou em redor, mediu a profundidade do abismo à beira do qual se tinha colocado e recuou de espanto — horrorizada! Felizmente, ainda era tempo de tentar a própria regeneração.

Ainda existiam no seu coração laivos de nobreza e sentimentos de dignidade. Além disso, uma boa fortuna, ainda intacta, facilitava a realização do bom desejo. A vida que neste mundo é levada por certas criaturas infelizes nem sempre deve ser atribuída à sua má índole, ou a uma propensão ilimitada para as orgias e o deboche.

Mais de um exemplo podíamos aqui citar, como prova deste aserto, mas julgamos dispensável a tarefa. José de Alencar escreveu Lucíola, esse belíssimo produto de seu fecundo talento, inspirado pelo sentimento o que lhe causou uma dessas sultanas do ouro, que descem ao comércio ilícito do seu corpo por amor do luxo e das vaidades humanas. Não é raro encontrar-se entre elas um peito onde se aninhe coração nobre ainda não poluído de todo pela corrupção.

Há lances inglórios, vicissitudes tristes e lamentáveis na vida desta gente desgraçada.

Percorrei um a um os leitos das casas de caridade, perguntai à pobre que vos estira a mão hirta e descarnada na praça pública,

mostrando um todo sifilítico, a história de sua vida, e, se não tendes o coração insensível aos males alheios, haveis de sentir correr-vos dos olhos uma lágrima de compaixão da mísera, ao mesmo tempo que os vossos lábios se entreabrirão para maldizer os homens perversos a quem a sociedade deve a reprodução de casos da mais estranha hediondez.

E nem se diga que a mulher tem meios de fugir à sanha do malvado que a tenta perder, porque jamais houve alguma — a não ser por exceção — bastante forte para repelir um insulto, uma ofensa ao seu pudor, quando o sedutor tem feito estudo sério sobre a maneira de acometer, armou-se de um sorriso traidor, teve a habilidade de procurar e descobrir o seu fraco, impôs-se no seu ânimo e pôs em prática a melhor tática possível.

O vento da desgraça, passando pelas faces róseas da donzela incauta, crava-lhe as setas envenenadas que inoculam o germe da infelicidade.

Nesses dramas trágicos de amores criminosos fosse eu juiz e ai! dos homens perversos que jamais seriam absolvidos!

Ao traçarmos sobre o papel as linhas que aí ficam, parece-nos estar ouvindo a gargalhada estridente dos críticos, como um escárnio às nossas presunções. Quem estiver, porém, de ânimo desprevenido e considerar a mulher um ser bondoso e privilegiado, e não — uma besta de carga — como chamou-a levianamente um filósofo extravagante e, por imitação pouco bonita, a chamam alguns de seus adeptos, virá provavelmente em nosso auxílio.

— Mas, dirá alguém, defendes a mulher e vais buscar entre as parasitas as provas do que aventas como asserto!

A este retorquiremos: onde está nisso o mal? Não oferecemos nenhuma para modelo.

Devemos entretanto observar que não é esta a base onde se deve firmar quem discordar dessa nossa opinião, porque não é di-

fácil encontrar-se entre as parasitas sociais quem o seja menos por gosto do que por ter sido vítima de enganosas promessas e maliciosas seduções, e no grêmio das senhoras para quem a fortuna sorriu pústulas nojentas e gangrenosas. A questão é somente de rótulo. Coloquemos, pois, os pontos nos — ii —, e ninguém nos queira mal por isso. Não estamos aqui a talhar carapuças.

Laura recolheu-se, com admiração de todos, a uma chacarazinha que lhe pertencia e ninguém ouviu mais falar dela.

Pensando maduramente no mal que havia causado a d. Theodomira, verdadeiramente arrependida, escreveu-lhe pedindo perdão.

Dizia ela em sua carta:

“Tenho asco à minha própria desgraça! E basta ela, basta o horrível fantasma do remorso, que me persegue, a lembrança de minhas torpezas, o pesar dos meus erros, a quase alucinação do meu espírito, para conservar-me sempre sob os horrores da expiação! D. Theodomira de coração perdoou-lhe.

## IV

# INDISCRICÃO DE UM PAPEL VELHO

*Os escravos são vítimas, mas sabem ser vítimas algozes.  
Macedo — Quadros da escravidão*

O major Sá sentia todos os vexames e contrariedades de seu amigo Aníbal; e a ele coube a tarefa de ser o transmissor das notícias da província que mais podiam interessar ao seu amigo.

E muito cedo teve ocasião de dizer a Aníbal numa de suas extensas missivas:

“A menina Alcina está pobre e desamparada. Chegou o momento de realizar-se o sonho dourado do meu amigo.”

Respondendo à carta do major Sá, Aníbal escrevia:

“Tinha minhas razões para votar ódio ao sr. de Piragé, como ao seu amigo dele, doutor Benício; porém, por mais intensa que fosse a minha paixão a entes tão infames deixe passar a aspereza da frase jamais lhes desejaria o fim desgraçado que tiveram!

“Era de crer, meu amigo, que homens tão desnaturados encontrassem um paradeiro aos seus crimes!

“É esse o prêmio da infâmia!

“Entretanto eu perdoo-lhes. “Perdoai-lhes, porque eles não sabem o que fazem”, são as palavras do Divino Mestre.

“Quanto à Alcina devo observar-lhe que a sua pobreza foi uma sublime consolação que me deparou o acaso. Ao menos ninguém

dirá que me deslumbrou o ouro do senhor de Piragé!

“Já solicitei e breve espero obter a minha demissão do serviço do exército. Duas razões poderosas me obrigaram a assim proceder. Primeiro, a certeza que tenho de não obter presentemente uma licença para ir até lá; segundo, os cuidados e zelos que devo causar à minha futura mulher nas grandes ausências a que sou obrigado, quando o governo entender demorar-me, como agora, nestas regiões frias.

“Não; o serviço das armas já me não serve! Quero gozar os meus dias, junto àquela por cujo amor escapei de morrer. Para isso, é necessário depor a farda e a espada, e eu o faço sem pena”.

O velho de óculos foi o único amigo íntimo que Aníbal deixou na província de Alagoas ao retirar-se de suas plagas. Esta amizade era um preito de gratidão, um dever de lealdade homenagem rendida ao verdadeiro mérito.

Ainda a ele, pois, restava a glória de ocultar aos olhos do mundo uma triste verdade.

Este fato justifica as eloquentes palavras de José do Patrocínio, o valente tribuno fluminense, quando disse numa conferência que fez nesta capital: “Detesto a escravidão porque é ela desmoralizadora da pátria e da família.

O casamento de Alcina estava próximo a realizar-se. Esperava-se apenas o noivo.

Ocorreu então uma circunstância tristíssima, cujas consequências não era dado prever.

D. Theodomira, depois de pôr em ordem a casa de sua antiga residência, que lhe foi entregue para arrumar o que era exclusivamente seu, regressando para Alagoas, foi ter à casa do velho de óculos, em Santa Rita, onde se demorou uma tarde inteira.

Sabendo o major Sá o quanto era D. Theodomira amiga de Alcina, leu a esta senhora os tópicos da carta de Aníbal que se referiam à filha do barão.

— Mas, observou d. Theodomira, Alcina não é filha do senhor de Piragé!...

— Não é filha do barão! E de quem é, minha senhora?

— É de Lucrecia, a mulata que a criou!

— Meu Deus! Que ouço?! disse o major Sá com surpresa. A senhora está hoje para brincar...

— O que lhe digo é sério!

— E como a senhora...

— Basta, senhor major Sá, eu lhe digo em poucas palavras. A mim nunca passou pela mente tal ideia, e até quer me parecer que jamais houve quem pensasse nisso. Porém, anteontem conheci esta triste verdade pela carta que lhe vou mostrar.

D. Theodomira abriu uma pequena bolsa e do maço de papéis que nela se achava, extraiu um que apresentou ao major Sá, e ele leu entre outras coisas o seguinte:

“Ontem faleceu no tronco a escrava Lucrecia, em consequência dos açoites que lhe mandei aplicar. Em relação ao fato porque foi castigada e que lhe não é preciso dizer — nada confessou a desgraçada. Uma coisa apenas descobri com a morte desse demônio, em quem tive a fraqueza de depositar confiança: foi saber que Alcina não é minha filha!

“A mulata tinha consigo, presa ao pescoço por um cordel, uma bolsinha de couro à imitação dessas em que o povo costuma trazer orações, e o feitor abrindo a tal bolsinha em vez de oração que esperava encontrar achou esta fatal declaração, escrita num papel com muita má letra.

“A razão porque isto se deu é a seguinte: minha filha nasceu, como não lhe é estranho, matando sua mãe. No mesmo dia a mulata Lucrecia deu à luz uma criança que, segundo ouvi dizer depois, nascera morta.

A mulata passou a amamentar minha filha. Daí partiu a troca,

cuja notícia hoje fulminou-me! A mulata matou minha filhinha e deu a sua dela por minha!’

Esta carta era assinada pelo barão de Piragé, e ele concluía pedindo ao doutor grande sigilo, pois tinha um plano a executar, o qual em tempo submeteria à sua aprovação.

Felizmente, não teve tempo de executar esse plano que a avaliar pelo anterior procedimento do barão devia de ser bem sinistro.

O que reservaria o monstro para Alcina? Talvez os ferros e os açoites! Queria reduzi-la à escravidão, sem dúvida.

Lucrécia praticou um ato de desumanidade, enfeitando a filha do senhor. Mas culpa nenhuma tinha ela de ser desnaturada — desde que era escrava.

Compreenderá agora o leitor o excessivo zelo de Lucrécia para com Alcina. Não fosse aquela escrava, e não temesse ver o fruto de suas entranhas sofrendo os horrores por que passavam no engenho outros infelizes escravizados — e não teria cometido esse crime.

O major Sá ponderou a d. Theodomira a inconveniência de divulgar esta notícia, e ela, que amava de coração à menina Alcina, combinou com ele nisto.

— O que dirá a isto o desventurado Anibal? perguntara o major Sá. E devo eu ocultar dele esta circunstância? Não. Meu dever é ser-lhe franco e leal.

## V

# PRÊMIO DA VIRTUDE

*Que importa a nuvem que vem teimosa encarcerar o astro?  
O destino dele é brilhar; a nuvem passará por fim e o astro  
ficará com sua luz.*

*V. Palhares — Noites de Virgem*

S eis meses depois da morte do doutor Benício, Aníbal desembarcava em Maceió, e sem demorar-se na cidade, tomava passagem para Santa Rita pressuroso em chegar à casa do seu bom amigo, o velho de óculos. Ali o esperava o major Sá, que já tinha feito correr os banhos para o casamento.

No jantar de poucos talheres, que nesse dia ofereceu o major Sá ao seu ilustre hóspede, levantaram-se brindes que patentearam vivamente a simpatia e a fervorosa amizade que o major Sá e sua família consagravam ao ex-alferes. De junto, Aníbal encarecia os serviços recebidos dessa boa gente, pedindo-lhes que não recordassem ao pobre tantas vezes socorrido pelos esforços de um cidadão, a quem podia chamar — o seu salvador — um pequeno serviço que aliás não merecia tal nome por ter sido o mero cumprimento do dever imposto pelos ditames de sua consciência.

Eu, prosseguiu Aníbal, nunca fui egoísta, nunca tive orgulho, nem ambição. O tolo sr. barão de Piragé quis assassinar-me... Não o conseguiu, porque as águas da lagoa Manguaba não tinham de ser o meu jazigo. Hoje está louco o pobre titular; em meu conceito

ele sempre o foi. Não era o seu dinheiro o que eu queria, e menos a vanglória de tê-lo por sogro. Nada disto me levaria a sofrer coisa alguma. O amor que tomei repentinamente a esta moça que hoje, felizmente, soube não ser sua filha, sim. Este levar-me-ia até à sepultura.

Permita o meu amigo major Sá que eu discorde de sua opinião: não desejo que fique em segredo o fato de ser Alcina filha da mulata Lucrécia! Para mim, é uma glória dizer que minha futura esposa não tem nas veias sangue daquele infeliz alienado. A escravidão!... Que importa a mim ter nascido ela de um ventre escravo?!...

Uma salva de palmas interrompeu o discurso do moço.

O major Sá deixou correr uma lágrima que foi rolando pela epiderme da face e confundir-se com os fios de prata de sua longa barba. O velho chorou de prazer.

Não pensava ele, apesar de conhecer a fundo o belo caráter de Aníbal, ser testemunha de tão sublime prova de seu desinteresse e modéstia.

O jantar concluiu no meio das maiores expansões de júbilo.

No outro dia Alcina partiu de Maceió para Alagoas, onde ia realizar-se o casamento e foi reunir-se a Aníbal em casa do major Sá.

Ali os noivos cumprimentaram-se e sentiram-se felizes por caminharem para o termo da luta que há tanto tempo haviam aberto no âmago de seus corações.

\*\*\*

Numa bela noite do ano de graça de 1846, corrente o mês de maio, na igreja matriz da cidade das Alagoas, alumada pela luz tibia da lâmpada de prata, penetrava um grupo de seis pessoas.

Era o casamento de Anibal com Alcina.

Na frente iam os noivos.

Um longo véu cobria o rosto da jovem nubente, e a indispensável grinalda de flores de laranjeira realçava o brilho de sua peregrina beleza.

As testemunhas eram o major Sá e sua mulher, d. Theodomira e mais um amigo de Aníbal.

Minutos depois o velho cura embrulhava com a estola as mãos do jovem e ditoso par.

As palavras sonoras do sacerdote, ecoando no espaço, davam à cerimônia a gravidade inerente ao ato.

Há nessa ocasião — sem dúvida a mais solene da vida — um quer que seja de sobrenatural fora do alcance das vistas humanas.

Parece que vemos abrirem-se, uma a uma, todas as portas do céu, e os anjos, mostrando as cabecinhas louras e sedosas, saudarem o auditório — atirando flores sobre os cônjuges!

Nesse momento bendito não está ali, perante o sacerdote, mais do que o corpo. O espírito eleva-se até o Senhor, purifica-se, e desce rápido a dar-nos outra vez a vida.

Resumem-se todos os afetos; apagam-se do espírito todos os pesares; vivificam-se todas as esperanças; a vida se nos afigura uma doce consolação, sem trabalhos nem perigos, um caminho sem urzes; finalmente, supõe-se embarcar no batel da felicidade navegando em mar de rosas...

Felizes os que chegam ao fim sem tocar nos espinhos!

A amizade dos dois amantes consolidou-se pelo casamento, argamassa indissolúvel.

Restava ao sr. Aníbal e a d. Alcina de Alencastre provar o quanto teria sido de bom aviso não estorvar-lhes o desejo. Essa tarefa ficava confiada ao tempo.

\*\*\*

Estamos em 1852... Sete anos já decorreram a partir do dia 7 de setembro de 1845, em que principiaram os fatos de que nos ocupamos.

Aníbal e Alcina residem na corte.

Tompson, encontrando resistência da parte de Aníbal em não

receber o dinheiro ganho no jogo, no baile do doutor Benício, e certa da honradez desse moço, convidou-o para ocupar o cargo de guarda-livros de sua casa comercial, interessando-o nos lucros.

No tempo a que nos referimos, Aníbal, que tirava no fim de cada ano bons saldos, estava quase rico.

Tinha dois filhinhos que eram a alegria, o encanto do lar: — Lucrécia e Aníbal.

Em reconhecimento aos serviços que lhe prestara a mulata Lucrécia — sua desditosa sogra — resolvera ele dar à primeira filha o nome dela, honrando assim a memória da mãe escrava que teve a coragem inaudita de morrer no açoite por amor da liberdade de sua filha.

Aníbal, sempre que tinha ensejo falava com orgulho do heroísmo dessa vítima da escravidão, não perdendo ocasião de contar à pequena Lucrécia a história do suplício de sua avó, repetindo o nome do barão de Piragé, ao qual antepunha os qualificativos de monstro e fera humana.

Um dia aconteceu receber Aníbal em sua casa a visita de um fidalgo barão, negociante da praça, e a pequena Lucrécia ouvindo pronunciar a palavra barão — a que ela, com a sua inocência de anjo tinha horror, perguntou com graça inimitável:

— Papai, é este o monstro que matou a minha Vovó?

Esta tolice da pequena obrigou Aníbal a entrar em minudências sobre o caso, que levava sua filha a fazer tal pergunta, e o titular vendo a franqueza com que Aníbal narrava um acontecimento que outros em tais circunstâncias ocultariam, apertou-lhe afetuosamente a mão em sinal de apreço à sua sinceridade.

Era louvável, na verdade, o procedimento de Aníbal de Alencastre, pois revelou-se um cavalheiro distinto em todos os sentidos.

Perseguido pelo barão e pelo doutor Benício, perdoou-lhes a fraqueza. Sabendo, antes de casar, que Alcina era escrava e não

filha do barão aceitou-a ainda mais depressa e satisfeito. O amor verdadeiro não olha o estado nem as condições: inspira-se nos sentimentos de dignidade, que é o dote moral, ou na formosura, que é o dote físico.

Durante os seus anos passados depois deste consórcio feliz ainda estava por vir o dia em que se manifestasse a menor indisposição entre os dois esposos.

O major Sá continuou a viver sossegadamente na sua aprazível casinha de campo, em Santa Rita, e, tendo aproveitado bem o exemplo, nunca mais se aventurou em reuniões das que antes frequentava assiduamente.